

**Universidade Estadual de Campinas**

**Faculdade de Educação**

**Larissa Helena De Nadai Soares**

**EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: O TRABALHO  
PEDAGÓGICO NA ESCOLA MODERNA DE  
BARCELONA E NAS ESCOLAS MODERNAS  
DE SÃO PAULO**

**Campinas  
2011**

**Universidade Estadual de Campinas**

**Faculdade de Educação**

**Larissa Helena De Nadai Soares**

**EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: O TRABALHO  
PEDAGÓGICO NA ESCOLA MODERNA DE  
BARCELONA E NAS ESCOLAS MODERNAS  
DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Educação da  
UNICAMP, para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia, sob a  
orientação do Prof. Dr. Silvio Donizetti  
De Oliveira Gallo.

**Campinas  
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP  
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

So11e

Soares, Larissa Helena De Nadai, 1989-  
Educação libertária: o trabalho pedagógico na Escola Moderna de Barcelona e nas Escolas Modernas de São Paulo / Larissa Helena De Nadai Soares. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Filosofia. 3. Anarquismo. I. Gallo, Silvio Donizetti de Oliveira. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-014-BFE

## *AGRADECIMENTOS*

Agradeço aos meus pais, Carlos e Rita, pela vida que me concederam e pelo incentivo que sempre deram aos meus estudos.

Ao Silvio, pela orientação e confiança em mim e em meus trabalhos.

Ao Sidney, por ter aceitado ser o segundo leitor deste trabalho, e mais do que isso, ter sido um professor que questionou minhas certezas e dúvidas para que eu pudesse encontrar minhas respostas.

Ao Fernando, que muito me ajudou nos primeiros passos desta pesquisa.

À minha irmã Thais, pela ajuda com a formatação final.

Ao meu irmão André, pelo companheirismo e as várias leituras e contribuições que deu aos meus trabalhos ao longo destes anos.

Às minhas amigas, que de uma forma ou de outra contribuíram com a minha formação e com a concretização deste trabalho.

*“Todo aquele inquieto perante os rumos da educação no Brasil e no mundo pode refletir, a partir da experiência das escolas racionalistas e da voz sempre audível de seus militantes professores, sobre uma outra educação que fomenta a autogestão, a liberdade e a solidariedade.” (MORAES, 2006, p. 106)*

## *RESUMO*

O presente trabalho tem como objetivo o estudo da organização do trabalho pedagógico em três escolas libertárias do início do séc. XX, A Escuela Moderna de Barcelona, fundada pelo educador Francisco Ferrer y Guardia, e as Escolas Modernas de São Paulo (nº1 e nº2); buscou-se entender os objetivos educacionais, os conteúdos abordados, o trabalho dos professores e a relação que estes estabeleciam com os alunos, e se haviam avaliações; tentando comparar as escolas quanto aos seus trabalhos pedagógicos.

Durante a pesquisa foram analisados documentos da época (como os boletins das escolas), livros, artigos e teses que tratam do assunto.

Em princípio, procurou-se contextualizar as Escolas Modernas dentro do período histórico em estiveram vigentes, suas histórias de fundação e fechamento, seus legados ao campo da educação, bem como aspectos da vida dos fundadores destas. Também foi possível discorrer sobre as teorias de alguns pensadores anarquistas e outras correntes que contribuíram com o ideal pedagógico dos educadores.

A Escola Moderna de Barcelona - seguindo outros exemplos de práticas de educação libertária que visavam à construção de uma nova sociedade, sendo esta caracterizada pela autogestão, liberdade e solidariedade entre os indivíduos -, tinha como objetivo a formação de pessoas instruídas, justas e livres. Para isso, propunha um ensino de conteúdos científicos, formação integral e educação conjunta de sexos e classes sociais.

As escolas paulistas basearam-se nos mesmos princípios da escola de Barcelona, sendo esta um modelo, entretanto houve diferenças influenciadas pelos contextos e os recursos financeiros disponíveis, que eram mais escassos em São Paulo.

A proposta destas escolas contribuiu na luta de várias conquistas que temos hoje no campo da educação, como a escola pública laica, a coeducação de meninos e meninas, a relação não autoritária entre professor e aluno, entre outras; e ainda abre possibilidades para que pensemos em novos princípios educacionais que podem ser incorporados nas escolas tendo em vista a construção de uma educação progressista e libertária.

## *SUMÁRIO*

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZANDO A VIDA DE FRANCISCO FERRER, AS ESCOLAS MODERNAS E SEUS LEGADOS À EDUCAÇÃO.....	04
CAPÍTULO 2 – FRANCISCO FERRER E O TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA MODERNA DE BARCELONA	
2.1 – Teorias, filósofos e correntes que influenciaram Francisco Ferrer.....	11
2.2 – A Escola Moderna de Barcelona.....	19
2.2.1 – A organização do trabalho pedagógico na Escola Moderna de Barcelona.....	19
2.2.2 – Os objetivos educacionais.....	20
2.2.3 – Os conteúdos abordados.....	27
2.2.4 – O trabalho dos professores.....	34
2.2.5 – Avaliação.....	38
CAPÍTULO 3 – AS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO E A INFLUÊNCIA DE FRANCISCO FERRER E DA ESCOLA MODERNA DE BARCELONA	
3.1 – O trabalho pedagógico nas Escolas Modernas de São Paulo.....	42
3.2 – Algumas considerações sobre a influência da Escola Moderna de Barcelona e de Francisco Ferrer sobre as escolas modernas de São Paulo e seus organizadores.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXOS .....	57

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso<sup>1</sup> trata-se de uma pesquisa realizada sobre a Organização do Trabalho Pedagógico<sup>2</sup> na *Escola Moderna de Barcelona* e como esta influenciou as *Escolas Modernas* de São Paulo.

As escolas anarquistas destacaram-se pelo fato de proporem uma educação voltada para a construção de uma nova sociedade, caracterizada pela autogestão, liberdade e solidariedade entre os indivíduos.

Segundo Luizetto, de acordo com os filósofos anarquistas, “sem a ocorrência de mudanças profundas na mentalidade das pessoas, mudanças promovidas em grande medida pela educação, jamais a revolução social desejada alcançaria êxito.” (LUIZETTO, 1986, p.20). Assim, a educação era uma ferramenta fundamental para a transformação social desejada, por isso foram fundadas escolas, centros de cultura social, entre outros espaços que visavam uma educação libertária.

Com o princípio da liberdade os anarquistas reagiam contra todo o gênero de opressão e recusavam-se a exercer qualquer forma de coerção. Entretanto, é importante pontuar que tal liberdade era condicionada pelo social e todos se responsabilizariam pelo bem estar de todos.

Jomini (1990) esclarece que:

Não se tratava, portanto, da liberdade propalada pelo liberalismo, onde o homem era livre para dispor de sua pessoa e de seus bens como desejasse, pouco importando se sua conduta e interesses levavam à exploração de outros homens. A liberdade para os anarquistas tinha o bem-estar da comunidade como referência. O homem era livre, na medida em que procurava se solidarizar e conciliar seus interesses com os dos outros. À liberdade formal, desejada pelos liberais, os anarquistas opunham uma liberdade baseada na expropriação da propriedade e no autogoverno. (JOMINI, 1990, p.94)

---

<sup>1</sup> Este trabalho teve início a partir de uma pesquisa de iniciação científica intitulada “A organização do trabalho pedagógico na Escola Moderna de Barcelona e sua influência nas Escolas Modernas de São Paulo”, sob a orientação do Prof. Dr. Silvio Gallo, e com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq – PRP/UNICAMP.

<sup>2</sup> Neste trabalho me baseio no conceito de FREITAS, L.C. Organização do trabalho pedagógico: elementos iniciais. In: *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. 3 ed., 2000. p.92-114.

Através da leitura do livro *Pedagogia do Risco*, de Sílvio Gallo (1995), foi possível conhecer as práticas da escola “*La Ruche*” na França (1904 – 1913), fundada por Sebastian Faure. A partir desta, foram buscadas informações sobre a existência de escolas anarquistas no Brasil. Alguns trabalhos encontrados foram os de Jomini (1990) e Luizetto (1986) sobre as Escolas Modernas de São Paulo.

Este trabalho teve como objetivo o estudo da didática utilizada nestas escolas, o que e como ensinavam. Percebendo que foram fortemente influenciadas pela *Escola Moderna de Barcelona*, julgou-se que seria pertinente pesquisar a organização do trabalho pedagógico na escola espanhola para depois analisar como esta influenciou as escolas brasileiras.

Para entender melhor como era organizado o trabalho pedagógico na *Escola Moderna de Barcelona*, foram levantadas informações no artigo “Francisco Ferrer y Guardia e a pedagogia libertária” de Maurício Tragtenberg (1978); no livro “Ferrer Guardia y la pedagogia libertaria: elementos para un debate” de Jordi Monés, Pere Solà e Luis Miguel Lázaro (1980); no livro “A Escola Moderna” escrito por Ferrer y Guardia e traduzido para o português pelo Ateneu Diego Giménez (2010); e sobretudo, nos boletins de *La Escuela Moderna*, os dezessete primeiros exemplares datados de 1901 a 1903.

Em relação à organização do trabalho pedagógico nas *Escolas Modernas* de São Paulo, foram levantadas informações principalmente nos quatro exemplares dos Boletins que foram publicados entre os anos 1918 e 1919; no livro *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações anarquistas na República Velha* de Regina Jomini (1990) e na tese de doutorado de Flávio Luizetto (1984) intitulada *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*.

O presente trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo busca contextualizar as *Escolas Modernas* no período de vigência destas e os legados que deixaram ao campo da educação; o segundo capítulo discorre sobre os filósofos, teorias e vivências

práticas que contribuíram para a estruturação da *Escola Moderna de Barcelona* e sobre a organização do trabalho pedagógico nesta (os objetivos educacionais, o trabalho dos professores, os conteúdos abordados, as avaliações, etc.); já o terceiro capítulo aborda a organização do trabalho pedagógico nas *Escolas Modernas* de São Paulo e traz algumas considerações sobre a influência da *Escola Moderna de Barcelona* e de Francisco Ferrer sobre as *Escolas Modernas* de São Paulo e seus organizadores.

## CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZANDO A VIDA DE FRANCISCO FERRER, AS ESCOLAS MODERNAS E SEUS LEGADOS À EDUCAÇÃO.

No início do séc. XIX, o contexto social espanhol era formado por uma elite rica e um povo pobre, havendo uma enorme carência educacional no país. Em 1845, o ensino primário obrigatório ainda não havia sido efetivado. Dos 16 milhões de habitantes, apenas quatro milhões sabiam ler. (TRAGTENBERG, 1978, p.23).

Francisco Ferrer y Guárdia, idealizador da *Escola Moderna de Barcelona*, nasceu em 1859 na Catalunha, em uma família de pequenos proprietários de terras, vinculados à Igreja e



à Monarquia, tendo então, uma formação profundamente católica. No entanto, sua mente recusou trilhar pelo velho caminho. Na juventude, Ferrer passou a questionar a crença de seus pais em seus aspectos contraditórios.

Ferrer não apenas tinha dúvidas e buscava a verdade, mas também era um rebelde militante. Na mocidade, militara no partido Republicano, e mais tarde, tornou-se secretário do chefe do Partido Progressista.

Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909).<sup>3</sup>

“Exilado político na França, nos fins do séc. XIX, conheceu pessoas que possuíam o projeto de realizar uma obra educacional fora do âmbito da igreja, uma pedagogia racionalista, com inspiração em Pestalozzi ou orientada para o futuro, conforme as práticas de Paulo Robin e Elisée Reclus.” (TRAGTENBERG, 1978, p.24/25).

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Francisco\\_Ferrer\\_Guardia.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Francisco_Ferrer_Guardia.jpg). Acesso em 20/07/2011

Foi assim que pensou e projetou a *Escola Moderna*, encontrando o apoio da Srt<sup>a</sup> Meunier, uma rica amiga e admiradora do trabalho de Ferrer. Esta, ao falecer, deixou para Ferrer algumas valiosas propriedades e uma renda anual para a escola.

A primeira *Escola Moderna* foi aberta na Espanha em 9 de setembro de 1901. “Ela foi recebida com entusiasmo pelo povo de Barcelona, que garantiu seu apoio. Em um pequeno discurso na abertura da escola, Ferrer apresentou seu programa aos amigos”. (GOLDMAN, 2006, p.31)

Para Ferrer, o conhecimento não deveria ser um saber exclusivamente dos poderosos, mas acessível a toda a nação. Neste sentido, a *Escola Moderna* – ou Racionalista – “preocupava-se em desenvolver no aluno a análise crítica dos juízos, a valorização do pensamento científico, educando integralmente o homem, nos aspectos afetivo e racional.” (TRAGTENBERG, 1978, p.27).

Assim, a Escola Moderna tinha o objetivo de trabalhar a educação por meio da racionalidade, estando dentro do contexto do séc. XIX em que várias modalidades do socialismo se apropriaram da racionalidade científica tentando compreender as relações históricas e sociais. Neste sentido, a razão era um instrumento de luta contra o dogmatismo e a ignorância. (MARTINS, 2009)

Martins ainda acrescenta que: “Acreditava-se que aquele que utilizasse a sua capacidade racional para analisar os diferentes aspectos da realidade tinha condições de superar a opressão que o cercava.” (MARTINS, 2009, p.178). Deste modo, o método racionalista foi adotado por Francisco Ferrer levando-se em conta a finalidade da libertação dos homens.

A escola pensada por Ferrer era mista e pregava a coeducação sexual e de classes. Não sendo financiada pelo Estado nem pela Igreja, ela se mantinha financeiramente com a mensalidade paga pelas famílias dos alunos, que contribuíam conforme suas possibilidades.

Este trabalho foi interrompido por um complô dos estamentos dominantes, tramado contra Ferrer.

A oposição de Ferrer à igreja fez com que ele se tornasse um homem marcado, sofrendo perseguições e diversas tentativas de aprisionamento, até que finalmente, “Em primeiro de setembro de 1909, o governo espanhol – sob o comando da Igreja Católica – prendeu Francisco Ferrer. Em 13 de outubro, depois de um julgamento forjado, ele foi (...) fuzilado”. (GOLDMAN, 2006. p. 25).



A morte de Ferrer <sup>4</sup>

A condenação e morte de Ferrer deixaram muitas pessoas indignadas, e sua luta e seus métodos foram exemplo para diversas experiências que se espalharam por todo o mundo.

No Brasil, por exemplo, o fechamento da *Escola Moderna de Barcelona* e a execução de Ferrer, segundo o historiador Edgar Rodrigues (1987), foram responsáveis por manifestações em todo o país, e também deram origem à formação de escolas orientadas pelos

---

<sup>4</sup> Imagem disponível em: [http://2.bp.blogspot.com/\\_ghYLeagGovY/TLYkD1427mI/AAAAAAAAAdM/W-NFRTgIHL0/s1600/francisco-ferrer-Flavio\\_Costatini.jpg](http://2.bp.blogspot.com/_ghYLeagGovY/TLYkD1427mI/AAAAAAAAAdM/W-NFRTgIHL0/s1600/francisco-ferrer-Flavio_Costatini.jpg). Acesso em 20/07/2011.

métodos racionalistas propostos por Ferrer, entre estas estão as *Escolas Modernas* de São Paulo.

O contexto histórico da criação das *Escolas Modernas* de São Paulo no início da República foi caracterizado por um governo central, que estava preocupado apenas com a educação de nível secundário e superior, ficando a cargo dos Estados a responsabilidade sobre a educação primária.

Neste contexto, algumas escolas foram construídas, porém serviam apenas às camadas dominantes e a setores médios da sociedade, que apostavam na educação como possibilidade de melhoria das condições de vida. Moraes (2006) afirma que,

“Assim, os filhos dos trabalhadores não angariavam espaço nos ambientes de conhecimento formal. Desde cedo, a prioridade era ajudar na manutenção e na (re) produção da vida junto aos adultos, principalmente nas fábricas. Escola? Um artigo de luxo, consumido por poucos.” (MORAES, 2006, p.101)

Diante disso, o ensino oficial era criticado pelos anarquistas e no Primeiro Congresso Operário Brasileiro (COB), procurando resolver o problema dos filhos dos trabalhadores e do alto índice de analfabetismo destes, foi sugerida aos sindicatos a fundação de escolas libertárias.

Por volta de 1909-1910, por ocasião dos protestos contra o julgamento e fuzilamento de Ferrer na Espanha, os libertários passaram a reunir-se e formaram uma comissão pró-fundação da Escola Moderna de São Paulo.

A composição sócio-econômica do Comitê organizador era bem variada, fato que minimizou o problema da captação de recursos. Contou-se com doações dos admiradores da obra de Ferrer e com os meios tradicionais de se angariar fundos (festas, conferências, listas de subscrição, etc.).

Depois de muito trabalho, em 1912 foi fundada a *Escola Moderna de São Paulo*, composta de duas unidades. A Comissão Pró-Fundação da Escola Moderna entregou a escola nº 1 a João Penteado e a nº2 a Adelino de Pinho.<sup>5</sup>

João Penteado era um militante do Movimento Operário e estudioso da pedagogia de Ferrer, sendo que procurou seguir os ensinamentos deste nos trabalhos que realizou na *Escola Moderna nº 1*.

Adelino de Pinho, por sua vez, também era um militante anarquista e participou ativamente da implantação do Ensino Racionalista no Brasil, dedicando-se exclusivamente a docência e a direção da *Escola Moderna nº2* durante o período de existência desta.

É importante considerar que se deve ao círculo de militantes ligados à imprensa anarquista a circulação de informações sobre o anarquismo no país. Não se sabe quantos militantes ou simpatizantes do anarquismo e do ensino racionalista no Brasil puderam ler os trabalhos de Ferrer, mas “a própria imprensa anarquista, traduzindo e publicando artigos ou trechos de artigos e de livros de educadores libertários, comentários ou notícias sobre experiências realizadas no domínio da educação, ampliava a possibilidade de informação.” (LUIZETTO, 1984, p.234).

As trajetórias desses professores militantes anarquistas – inclui-se também Florentino de Carvalho (pseudônimo de Raimundo Primitivo Soares), que substituiu Penteado por um curto período de tempo – foram marcadas pela crítica da escola oficial e pela defesa de uma educação de caráter revolucionário.

Apesar de desenvolverem um sério trabalho educativo, como evidenciam os boletins, as Escolas Modernas enfrentaram durante toda a sua existência a oposição de setores da Igreja e do governo paulista. A esse respeito, Ghiraldelli (1987) afirma que:

---

<sup>5</sup> Vide anexo fotos 1 e 2, João Penteado e Adelino de Pinho com seus alunos nas Escolas Modernas.

“Mesmo com o movimento operário em crise, é possível que as Escolas Modernas conseguissem sobreviver. Todavia, o acidente do Brás - explosão de uma bomba no interior de uma casa - foi o pretexto necessário para que o governo paulista não mais esperasse para fechar os estabelecimentos. Assim, ainda em 1919, o diretor geral da Instrução Pública de São Paulo, alegando que as Escolas Modernas não cumpriam as exigências legais de funcionamento, fechou os estabelecimentos.” (GHIRALDELLI Jr, 1987, p.138).

Embora João Penteado tenha lutado contra a justiça republicana, esta acabou lhe vencendo e fechando as portas das Escolas Modernas. Mas, se por um lado esse episódio representou uma derrota ao movimento libertário, por outro, contribuiu para que ficasse claro ao Movimento Operário que a preocupação com a educação levantada pelos setores dirigentes não lhes beneficiava e colocou-os em posição crítica em relação ao discurso da burguesia em favor da educação popular (GHIRALDELLI Jr., 1987).

Nos anos seguintes houve novos protestos, porém a “década de 20 abria perspectivas novas para o país, e todas as discussões dos anos 10 pareciam distantes diante do dinamismo imposto à sociedade urbana no período final da Primeira República.” (GHIRALDELLI Jr., 1987. p. 140).

Mas em se tratando das escolas modernas, ainda cabe indagar: qual a contribuição de tais escolas para a educação?

Nos boletins *da Escola Moderna de Barcelona*, especificamente o número 07 do ano I, publicado em 1902, encontramos a informação de que na Espanha havia muitas pessoas sem escola até o ponto de contar com uma maioria espantosa de analfabetos. Neste contexto, a *Escola Moderna* procurava atuar na educação dos trabalhadores e de seus filhos, homens e mulheres.

Dados nos mostram que,

“Após o surgimento da ‘Escola Moderna’ de Ferrer os créditos concedidos à educação, no âmbito da escola primária, em 1917, ultrapassaram quatro vezes os destinados ao mesmo fim em 1909: 127 milhões de pesetas contra 27 milhões de pesetas. A separação entre Igreja e Estado, a secularização da escola e a tendência socializante generalizada se constituem em realizações das idéias de Francisco Ferrer.” (TRAGTENBERG, 1978, p. 23).

A pedagogia racional de Ferrer inscreve-se na tradição da educação libertária. Esta chegou ao Brasil pelas mãos dos trabalhadores imigrantes que vieram dar continuidade ao trabalho na lavoura do café, e posteriormente originaram o proletariado urbano.

Criticando a sociedade existente, ela desenvolveu-se no sentido da transformação da ordem sócio-econômica vigente, procurando construir um ensino para a formação de um novo homem e uma nova sociedade.

Desta forma, a educação libertária esteve voltada para as classes populares, que eram privadas do acesso ao conhecimento, ficando à margem da sociedade, e tinha a intenção de moldar o ensino para uma educação transformadora, que fundasse uma sociedade mais justa e igualitária.

“Assim, longe das interferências do Estado e fugindo à repressão da Igreja, os setores populares de São Paulo liderados por grupos de tendência libertária, puderam, nas primeiras duas décadas deste século, engendrar algumas soluções simples e viáveis para ocupar um espaço praticamente abandonado pelo Estado e pela igreja, o da educação para os grupos sociais mais pobres e marginalizados da sociedade. Os princípios básicos do ensino libertário: a educação mista, o aluno construindo seu próprio conhecimento, o fim da disciplina rígida, entre outros, são conquistas educacionais absolutamente atuais que fazem parte do nosso cotidiano.” (ROMANI, 2006, p.98).

Este trecho nos traz mais algumas contribuições que o movimento libertário ajudou a conquistar, como a escola mista e o aluno como produtor de conhecimento.

Vale considerar que o pensamento libertário e a obra de Francisco Ferrer ainda são bastante pertinentes na atualidade e nos ajudam a pensar formas de intervir na escola contra uma educação pautada pela mera transmissão de conteúdos, que tem o papel de reprodutora da sociedade capitalista, e a favor de uma escola que esteja voltada para a vida, autogestão, liberdade e solidariedade entre os indivíduos.

## CAPÍTULO 2 – FRANCISCO FERRER E O TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA MODERNA DE BARCELONA

### 2.1 - Teorias, filósofos e correntes que influenciaram Francisco Ferrer

Como já foi apontado no tópico anterior, o educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia foi o idealizador e fundador da *Escola Moderna de Barcelona*. No entanto, é importante considerar que houve influências teóricas e práticas que incentivaram e permearam os propósitos educacionais pensados por Ferrer.

Jordi Monés (1980), em seu texto “Ferrer en la tradición del pensamiento educativo libertario” publicado no livro *Ferrer Guardia y la pedagogía libertaria: elementos para un debate*, apresenta algumas considerações a respeito do pensamento escolar anarquista, levando em conta a influência que estas ideias exerceram na obra e no ideário escolar de Ferrer, e também discorre sobre outras correntes presentes na pedagogia ferreriana.

Dentre a tradição anarquista, é possível destacar a influência principalmente de Godwin, Owen, Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Élisée Reclus, Paul Robin e Sébastien Faure, que serão brevemente comentados a seguir.

**William Godwin** (1756-1836) foi um jornalista inglês, filósofo político e romancista, sendo considerado um dos primeiros expoentes do utilitarismo, e um dos primeiros proponentes modernos do anarquismo.

Godwin se opunha a todas as instituições que se sustentam fundamentalmente na subordinação, tais como o Estado, a Igreja, o Exército e a instituição escolar.

Seu projeto pedagógico seguia a linha rousseauiana e foi elaborado em função das necessidades do educando, limitando a autoridade do educador. Ele propunha em seu programa um trabalho para o desenvolvimento das energias espirituais e da própria experiência, deixando em segundo plano a questão da aquisição de conhecimentos; também

considerava que para uma boa educação deveria suprimir-se qualquer tipo de castigo e prêmios. (MONÉS, 1980, p. 26)

**Robert Owen** (1771 –1858) foi um reformista social galês, também é considerado um dos precursores do anarquismo.

Owen foi discípulo de Godwin e junto com Ferrer foi um dos poucos teóricos socialistas que uniram teoria e experiência prática no campo da educação. De seu pensamento escolar destaca-se a ideia de promover no aluno um juízo crítico e independente sobre o mundo que o circunda. De acordo com o novo sistema social preconizado por Owen, o homem deve ser educado desde a infância em direção à cooperação e a solidariedade. (MONÉS, 1980, p. 27)

**Pierre-Joseph Proudhon** (1809 - 1865) foi um filósofo político e econômico francês. É considerado um dos pensadores socialistas mais importantes do séc. XIX e um dos mais influentes teóricos e escritores do anarquismo, sendo também o primeiro a se auto-proclamar anarquista, até então um termo considerado pejorativo entre os revolucionários. Foi ainda em vida chamado de socialista utópico por Marx e seus seguidores, rótulo sobre o qual jamais se reconheceu.<sup>6</sup>

Os trabalhos de Proudhon, apesar de suas contradições, têm um especial interesse por constituir a base das concepções de autogestão em todos os níveis. Proudhon era considerado por Kropotkin o precursor das modernas concepções educativas libertárias, principalmente pela importância que dava ao trabalho manual como valor educativo. (MONÉS, 1980, p. 28)

A teoria da instrução politécnica foi desenvolvida por Proudhon. Filippo Trasatti, no livro *Actualidad de la pedagogía libertaria* (2005), afirma que para Proudhon a instrução politécnica é um elemento fundamental para a emancipação do trabalhador. (TRASATTI, 2005, p. 102).

---

<sup>6</sup> Baseado nas informações disponíveis no endereço eletrônico: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Proudhon>. Acesso em 29/09/2011.

**Mikhail Aleksandrovitch Bakunin** (1814 - 1876) foi um teórico político russo que ficou conhecido como um homem de ação. Envolveu-se em muitas conspirações e revoltas, e foi um dos principais expoentes do anarquismo em meados do século XIX.

Nascido no Império Russo de uma família proprietária de terras de tendência nobre, Bakunin passou sua juventude em Moscou estudando filosofia e começou a frequentar os círculos radicais em que foi influenciado pelas ideias de Aleksander Herzen. Deixou a Rússia em 1842 mudando-se para Dresden (Alemanha), e depois para Paris (França), onde conheceu grandes pensadores políticos, como George Sand, Pierre-Joseph Proudhon e Karl Marx.<sup>7</sup>

Para Bakunin, a educação tem um papel fundamental na revolução social. Opondo-se ao autoritarismo, Bakunin acreditava que a revolução deve partir do desejo e da necessidade do povo. Segundo ele, a educação é um dos processos da própria revolução e ao educarmos para a liberdade e a igualdade, estamos começando a mudar as consciências e ajudando a verem o mundo de maneira diferente, o que é o primeiro passo para a transformação. (GALLO, 1995, p. 67)

No entanto, para este teórico as mudanças no campo da educação estavam atreladas as mudanças no campo econômico e social, pois seriam as transformações econômicas que realmente possibilitariam a implantação efetiva de um novo modelo educacional.

Cabe destacar que a proposta pedagógica de Bakunin compõe-se de dois eixos fundamentais, que são a educação integral e a educação para a liberdade.

A educação integral, por sua vez, deveria ser composta de duas partes: a parte geral, em que os estudantes teriam acesso a ciência como um todo; e a parte específica, em que os estudantes entrariam em contato com as especificidades dos diferentes conteúdos científicos. Para efetivar a educação integral, Bakunin defendia que a educação integral deveria partir da autoridade e desembocar na liberdade (MARTINS, 2009, p.185).

---

<sup>7</sup> Baseado nas informações disponíveis no endereço eletrônico: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bakunin>. Acesso em 29/09/2011.

Essas questões que foram levantadas teoricamente por Bakunin seriam depois assumidas, aprofundadas e postas em prática por vários educadores anarquistas, “como Paul Robin e Sébastien Faure na França, Francesc Ferrer i Guàrdia na Espanha, que puderam comprovar a sua praticidade.” (GALLO, 1995, p. 75).

Já **Piotr Alexeyevich Kropotkin** (1842 - 1921) foi um geógrafo e cientista que contribuiu muito para o conhecimento da estrutura e história da Terra; ele ficou conhecido como um cientista e filósofo social, sendo também um dos principais pensadores políticos do anarquismo no fim do século XIX.

Kropotkin apresentava “uma peculiaridade: não se preocupou em criar organizações de luta; escolheu fazer da vida acadêmica a sua militância.” (MARTINS, 2009, p.187).

Suas obras mais famosas – *A conquista do pão* (1892); *Campos, fábricas e oficinas* (1899); e *O apoio mútuo* (1902) - o converteram no maior teórico do anarquismo comunista. Com sua teoria do apoio mútuo que contrabalança a teoria darwiniana da luta pela existência, pode ser considerado um dos fundadores da moderna ecologia social. (TRASATTI, 2005, p. 138)

Nascido membro da família real de Rurik, na idade adulta Kropotkin rejeitou este título de nobreza. Ainda adolescente foi obrigado a ingressar no exército imperial russo por ordem do próprio czar Nicolau I. Nesta mesma época passou a ter contato com a literatura progressista e revolucionária da época.<sup>8</sup>

Deve-se a Kropotkin o projeto mais sistemático e elaborado para dar a pedagogia anarquista uma base teórica mecanicista, fundada em uma filosofia natural e social, em oposição aos princípios metafísicos e dialéticos aplicados à sociologia. (MONÉS, 1980, p. 32)

Kropotkin preconizava a espontânea sublevação popular sem direção ditatorial como meio mais eficaz ou como primeiro passo rumo à revolução social. Convencido de que a

---

<sup>8</sup> Baseado nas informações disponíveis no endereço eletrônico: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Piotr\\_Kropotkin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Piotr_Kropotkin). Acesso em 29/09/2011.

renovação política e social levaria consigo uma nova concepção do homem, chega à conclusão de que a educação deve colocar-se em um plano de primeira ordem (MONÉS, 1980, p. 32).

A instituição educativa proposta por Kropotkin, conforme a tradição anarquista, e em oposição à escola oficial e institucionalizada, estava pensada de acordo com uma formação teórico-prática, essencialmente popular, na qual se tentaria evitar toda forma de elitismo intelectual, sem, no entanto, conceder uma grande importância a formação científica e humanista (MONÉS, 1980, p. 32).

**Jean Jacques Élisée Reclus** (1830 - 1905) também foi um geógrafo, intelectual e anarquista francês.

Filho de um pastor protestante estudou na Universidade em Montauban e Berlin. Em 1864 conheceu Bakunin, de quem se tornaria amigo e companheiro até a morte. Ele participou ativamente da Comuna de Paris de 1871. Preso e condenado à deportação, sua pena é comutada para dez anos de banimento.

Assim, Reclus viajou por todo o mundo, durante o trabalho de pesquisa que fez para preparar a Nova Geografia Universal, aproveitando esse fato para estabelecer contatos com os núcleos anarquistas dos países por onde passava.<sup>9</sup>

Os boletins das Escolas Modernas trazem vários textos de Reclus sobre a geografia, a terra, entre outros assuntos, utilizando-o como constante referência.

**Paul Robin** (1837 – 1912), professor e pedagogo, pode ser considerado o principal nome da pedagogia libertária no séc. XIX, pelo fato de ter sido o primeiro a conseguir trabalhar na prática as diversas questões educacionais teóricas que vinham sendo discutidas nos meios socialistas. (GALLO, 1995, p. 87)

---

<sup>9</sup> Baseado no resumo de Custódio Gonçalves da Silva, disponível no endereço eletrônico: [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/textos/568.htm](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/568.htm). Acesso em 29/09/2011.

Diferentemente de outros pedagogos libertários, desde jovem Robin se orienta no campo da educação. Nascido em uma família burguesa católica, logo se converte em darwinista, positivista e ateu. Como professor na província francesa começou a dar os primeiros passos pela renovação da escola e da educação (TRASATTI, 2005, p. 73).

Robin acreditava que deveria educar integralmente seus alunos e que o aprendizado dava-se na vida e não apenas na sala de aula. A educação integral era vista como um caminho para a superação da alienação do homem na sociedade de exploração e também um passo na transformação desta sociedade, como aponta Gallo (1995):

“pois pretende educar ao homem sem separar o trabalho manual do trabalho intelectual, pretende desenvolver as faculdades intelectuais, mas também desenvolver as atividades físicas, harmonizando-as. E, além de tudo isso, pretende fornecer também aquilo que os anarquistas chamavam de uma *educação moral* que, (...) nada mais é do que uma formação para a vida social, uma educação para a vivência da liberdade individual em meio à liberdade de todos, da liberdade social.” (GALLO, 1995, p. 92, grifos do autor).

Assim, a educação integral reúne a educação intelectual, a física e a moral. Francisco Ferrer parte deste mesmo princípio ao propor a educação integral na *Escola Moderna de Barcelona*, trazendo nos boletins diversas contribuições de Paul Robin.

Robin defendia que cada comunidade deveria criar estabelecimentos de ensino com a participação de todos os indivíduos dessa coletividade, que organizariam e sustentariam financeiramente as escolas. Assim, a responsabilidade pela educação era da comunidade; e a educação integral deveria ser ministrada por estabelecimentos públicos e coletivos. (MARTINS, 2009, p.181)

Robin teve a oportunidade de trabalhar na prática os princípios da educação integral ao longo dos quatorze anos em que esteve na direção do Orfanato Prévost, em Cempuis. Sua experiência serviu de inspiração para diversas outras práticas de educação libertária.

**Sébastien Faure** (1858 - 1942) foi ativista libertário e anticlericalista francês, pedagogo, jornalista, poeta e compositor durante o período que compreende a segunda metade do século XIX e início do século XX.

Trasatti (2005) destaca que Faure,

“Nacido en una familia de la alta burguesía filonapartista y católica, recibió una educación confesional, y habiéndose destacado desde joven por sus notables cualidades intelectuales, entró en el noviciado jesuita, durante siglos el ejército espiritual al servicio de la Iglesia. Allí aprendió aquella retórica que después utilizó ampliamente en su afortunada actividad de conferenciante libertario durante toda la vida.” (TRASATTI, 2005, p. 156)

Sébastien Faure, a exemplo da experiência de Robin em Cempuis, investiu na prática de educação libertária com a criação da comunidade-escola denominada *La Ruche* (*A Colméia*), que se localizava na França e durou cerca de treze anos.

Continuadora de Robin, a teoria pedagógica em que Faure se baseava também seguia a linha rousseauiana de defesa de liberdade e autodeterminação da criança, sendo que esta possui o direito ao desenvolvimento de todas as suas potencialidades e um meio de convivência que lhe ofereça carinho, proteção e amizade, afastando-a da corrupção, das injustiças, do crime e das desigualdades sociais (GALLO, 1995, p.130).

Crítico da sociedade capitalista, a qual acusava de formar homens incompletos pela divisão do trabalho fundada em uma sociedade de exploração, Faure também seguiu os princípios da educação integral, visando a formação de um homem completo.

A comunidade-escola *La Ruche* idealizada por Faure existiu basicamente no mesmo período da Escola Moderna de Barcelona e do fuzilamento de Francisco Ferrer.

### **Outras correntes escolares e pensadores:**

Além da influência do pensamento educacional anarquista, houve outras correntes escolares e pensadores presentes na pedagogia ferreriana. Dentre estes, destacam-se Rousseau e o positivismo.

Rousseau pode ser considerado precursor da ideologia educacional libertária pelo fato de que parte da base de que todas as instituições políticas devem ser fruto da vontade humana. Outra questão levada em conta pelos anarquistas é que Rousseau opunha-se a uma educação baseada no conformismo social e no conhecimento livresco, valorizando um ensino com mais liberdade e contato com a natureza. Rousseau também foi o primeiro a outorgar ao educando um papel essencial no processo pedagógico. (MONÉS, 1980, p. 33-34)

O positivismo também exerceu certa influência sobre o movimento escolar libertário, no entanto é preciso pontuar o caráter desta influência, pois os libertários acentuavam alguns aspectos e ao mesmo tempo eram contrários a certas premissas positivistas. (MONÉS, 1980, p. 34)

Para os anarquistas, que preconizavam uma educação mais livre e espontânea e algumas vezes tinham uma fé cega na ciência e na razão, o positivismo oferecia a possibilidade de desenvolver uma cultura positiva que substituiria a cultura teológica e metafísica (MONÉS, 1980, p. 34).

A ciência positiva preconizada pelos libertários, especialmente por Ferrer, devia conceber-se tal como afirma Pere Solá: “(...) al servicio de las verdaderas necesidades humanas y sociales. Estará, pues, al servicio de la RAZÓN NATURAL (la que se deduce de las verdaderas necesidades humanas y sociales) y no de la RAZÓN ARTIFICIAL del capital y la burguesia...” (SOLÁ, 1980, p. 45, destaque do autor.)

Nos Boletins da Escola Moderna de Barcelona, a fé e a confiança na ciência são evidenciadas em vários momentos, o trecho a seguir é um dos exemplos:

La ciencia, dichosamente, no es ya patrimonio de un reducido grupo de privilegiados; sus irradiaciones bienhechoras penetran con más ó menos conciencia por todas las capas sociales. Por todas partes disipa los errores tradicionales; con el procedimiento seguro de la experiencia y de la observación, capacita á los hombres para que formen exacta doctrina, criterio real, acerca de los objetos y de las leyes que los regulan, y en los momentos presentes, con autoridad inconcusa, indisputable, para bien de la humanidad, para que terminen de una vez para siempre exclusivismos y privilegios, se constituye en directora única de la vida del hombre, procurando empaparla de un sentimiento universal, humano. (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº1)

É possível constatar que Ferrer não questiona a bondade intrínseca da ciência. Como outros progressistas e anarquistas daquele momento histórico, Ferrer acreditava na ciência como possibilidade de emancipação da humanidade, em contraposição à concepção metafísica, e não se deteve a pensar na complexidade do modo como a ciência está a serviço das classes dominantes, fato que já é evidente nos dias de hoje.

Martins (2009) discute bem a questão da racionalidade entre as várias modalidades de socialismo no séc. XIX e destaca que:

“A racionalidade utilizada pelas diferentes modalidades de socialismo tinha uma finalidade inversa da utilizada pelos intelectuais que serviam ao *status quo*. Estes pretendiam uma sociedade produtiva e eficiente, de modo que facilitasse a acumulação de capital sem atropelos, enquanto que os socialistas buscavam uma sociedade igualitária e pautada na liberdade.” (MARTINS, 2009, p. 178, grifos da autora).

Dentro da concepção dos socialistas, a educação racional libertária era um instrumento de luta contra o autoritarismo e a opressão. A igualdade dependia de uma mudança na mentalidade dos homens e a instauração de outra racionalidade que primasse pelo respeito ao outro, à liberdade e as diferenças de cada indivíduo.

A respeito da pedagogia do próprio Francisco Ferrer y Guardia, além do laicismo e do cientificismo, alguns pontos destacam-se em linhas gerais, como o antiautoritarismo e o respeito à personalidade dos alunos, a coeducação de sexos e classes sociais, a formação integral; entre outros aspectos que serão apresentados no tópico a seguir no qual será abordada a organização do trabalho pedagógico da *Escola Moderna de Barcelona*.

## **2.2 - A Escola Moderna de Barcelona**

### **2.2.1 - A organização do trabalho pedagógico na Escola Moderna de Barcelona**

Como foi apontado anteriormente, para entender melhor como era organizado o trabalho pedagógico na *Escola Moderna de Barcelona*, buscaram-se informações em

documentos da época, além de artigos, livros e teses que tratam do assunto. Estes trouxeram ricas informações sobre os objetivos educacionais das escolas, o trabalho dos professores, os conteúdos abordados, as avaliações, etc.

Antes de entrar no trabalho pedagógico propriamente dito das Escolas Modernas, é interessante entender o porquê de tais escolas serem chamadas de Modernas. O Boletim nº 9, ano II, da *Escola Moderna de Barcelona* esclarece esta questão que foi tratada em uma conferência que consistiu na exposição do sistema de ensino da escola:

Moderna, porque contra toda rutina y con un fin verdaderamente útil (...) recibe la luz en abundancia por el lado izquierdo, que favorece la visión y la práctica de la escritura; (...) porque ya que es contraria á la naturaleza de la infancia la inmovilidad y la atención excesivamente sostenida, alterna el estudio con intervalos recreativos que sostienen sin alteración el equilibrio físico é intelectual de los niños; (...) porque siendo los escolares los futuros miembros de la sociedad y como tales han de tener derechos naturales comunes, es decir, sin distinción de sexo; (...) porque con la explicación positiva y racional de los fenómenos naturales y de las leyes de la vida y del progreso enseña nociones eminentemente científicas (...); es Moderna, en fin, esta escuela, porque ha iniciado tales prácticas y enseñanzas frente á las tradiciones pedagógicas que imposibilitan toda renovación progresiva. (Boletín de la Escuela moderna, 1903, nº 9)

Neste trecho são evidenciados não apenas os motivos da escola ser chamada de Moderna, que é, sobretudo, pelo fato desta ter iniciado novas práticas e ensinamentos progressistas diante das tradições pedagógicas conservadoras, mas também alguns dos principais preceitos pedagógicos da escola que serão aprofundados neste capítulo, como a coeducação de sexos e classes, educação integral, método racional baseado na ciência, entre outros.

### **2.2.2 – Os objetivos educacionais**

Sobre os objetivos educacionais da *Escola Moderna de Barcelona*, uma interessante fonte é o programa da escola, que foi apresentado ao público em um pequeno discurso durante a abertura desta. Neste programa há a missão e os objetivos da escola, como demonstra o seguinte trecho:

“A missão da Escola Moderna consiste em fazer com que os meninos e as meninas que lhes forem confiados se tornem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito. Para isto, o estudo dogmático será substituído pelo estudo racionalizado das ciências naturais.

Ela estimulará, desenvolverá e dirigirá as aptidões próprias de cada aluno, a fim de que, com a totalidade do próprio valor individual, não somente seja um membro útil à sociedade, mas que, como consequência, eleve proporcionalmente o valor da coletividade. Ela ensinará os verdadeiros deveres sociais, conforme a justa máxima: não há deveres sem direitos; não há direitos sem deveres.

Em vista do bom êxito que o ensino misto obtém no estrangeiro, e, principalmente, para realizar o propósito da Escola Moderna, encaminhado à preparação de uma humanidade verdadeiramente fraternal, sem categoria de sexos nem classes, serão aceitas crianças de ambos os sexos a partir da idade de cinco anos.” (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 07).

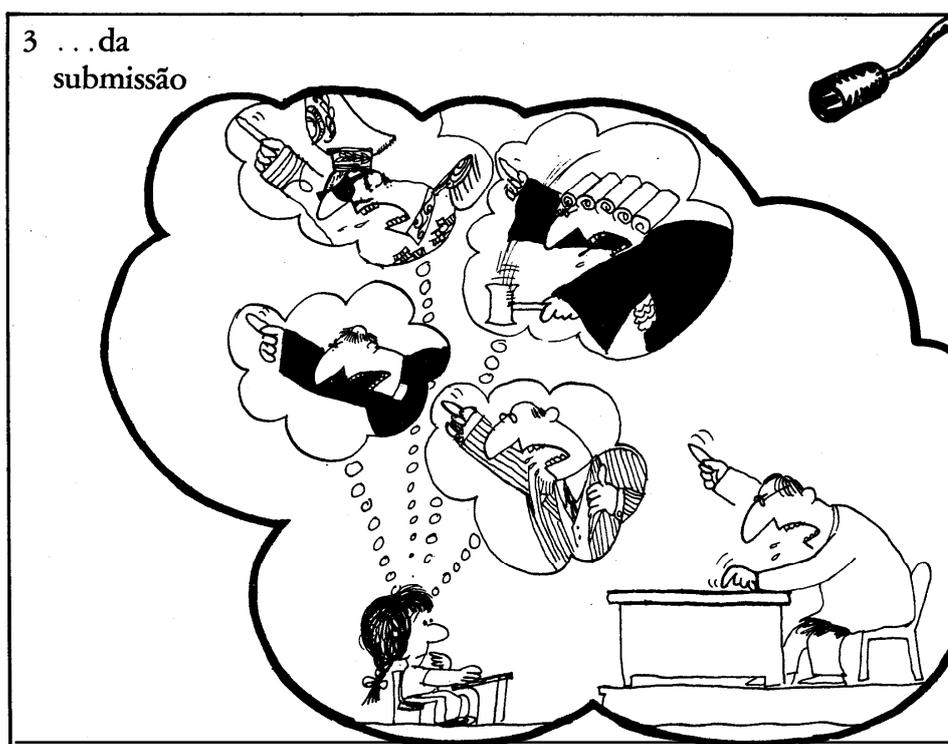
Este trecho do programa evidencia muitos aspectos característicos da escola, que são citados com frequência nos boletins, como o respeito à personalidade do aluno, os direitos e deveres, a coeducação de sexos e classes, tendo em vista a formação de pessoas justas e livres, contando para isso com o estudo racionalizado das ciências naturais.

Também faz parte do programa das escolas racionalistas demonstrar às crianças que enquanto um homem depender de outro homem haverá abusos e escravidão; além do estudo das causas que mantêm a ignorância popular e o trabalho para que os alunos reflitam sobre tudo que lhes é apresentado.

Ferrer procurou criar uma nova escola diferente da escola convencionalmente constituída no sistema capitalista, que segundo ele, sujeita as crianças fisicamente, intelectualmente e moralmente para dirigir o desenvolvimento de suas faculdades no sentido que deseja, lhes privando do contato com a natureza.

Esta educação equivale a domar, adestrar e domesticar e para realizá-la, os educadores se inspiram nos princípios de disciplina e autoridade com a intenção de que as crianças se habituem a obedecer, a crer e pensar segundo os dogmas sociais que nos regem; assim, “não se trata de secundar o desenvolvimento espontâneo das faculdades da criança, de deixá-la buscar livremente a satisfação de suas necessidades físicas, intelectuais e morais; trata-se de impor pensamentos feitos (...)”. (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 31)

A seguinte ilustração de Ceccon evidencia o processo de aprendizagem da submissão, quando um professor, ao gritar inspirado no princípio de autoridade, faz com que a criança se remeta a outras autoridades às quais aprende que deve obedecer:



Sobre o  
aprendizado da  
submissão na  
escola <sup>10</sup>

No livro “A Escola Moderna” Ferrer faz a seguinte consideração: “Considere o que se faz no presente: fora das necessidades da criança, foi elaborado um programa dos conhecimentos julgados necessários para sua cultura, e, de bom grado ou à força, sem reparar nos meios, é preciso que ela os aprenda.” (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 77).

Na ilustração abaixo vemos um professor “forçando” uma criança a fazer algo que ela não quer com a justificativa de que é para o bem desta:

<sup>10</sup> Imagem de autoria de Claudius Ceccon, reproduzida do livro: *Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*, 1986, p. 85.



A imposição dos conteúdos <sup>11</sup>

Esta situação ilustrada por Ceccon e citada por Ferrer no início do séc. XX está no nosso presente, um século depois, em que muitas vezes os alunos são obrigados a “engolir” um conteúdo imposto no qual não lhes é apresentado qualquer sentido nem utilidade imediata, por isso muitas vezes estes conteúdos são logo esquecidos ou não são realmente compreendidos, como já previa o próprio Ferrer: “No queremos que nuestros jóvenes, al salir de la escuela, se apresuren á desembarazarse, como de un peso inútil, de todo lo que les hayamos enseñado, lo que no deja de suceder respecto de todo lo que se aprende sin gusto. (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº5)

Por isso Ferrer pensava e propunha a renovação da escola, e para contribuir com a renovação ele argumenta sobre a importância de seguir os trabalhos de sábios que estudam a criança e buscar meios de aplicar suas experiências à educação desejada, no sentido de uma libertação mais completa do indivíduo. Para tanto, se faz necessária a fundação de novas escolas.

---

<sup>11</sup> Imagem de autoria de Claudius Ceccon, reproduzida do livro: *Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*, 1986, p. 61.

Deste modo, contra a educação voltada para a manutenção da sociedade de classes e domesticação das gerações futuras, adaptando os indivíduos ao mecanismo social, Ferrer propôs na escola que fundara a educação integral, desenvolvida pelo educador anarquista Paul Robin, que compreende a educação física, intelectual e moral, e indica as relações contínuas entre estas três divisões. Neste sentido, a educação integral é o desenvolvimento harmônico de todas as faculdades do ser humano, saúde, vigor, beleza, inteligência e bondade, baseando-se exclusivamente sobre as realidades experimentais. (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº 3)

A respeito da relação entre teoria e prática, cabe considerar que o verdadeiro ensino integral é teórico e prático, reúne as duas qualidades sistematicamente separadas pela rotina oficial, que mantém de uma parte o ensino primário e profissional, e de outra, o ensino secundário e superior, assim o integral possui ao mesmo tempo o cérebro que dirige e a mão que executa, é ao mesmo tempo o sábio e o trabalhador. (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº 3).

Outro ponto essencial da proposta de Ferrer é o da coeducação de classes e de sexos. Jordi Monés (1980) argumenta que a ideia de uma escola laica sem discriminação de classes e de sexos estava presente em toda a tradição socialista e Ferrer se destaca por ter levado à prática as concepções teóricas. Para Ferrer: “A natureza, a filosofia e a história ensinam, contra todas as preocupações e todos os atavismos, que a mulher e o homem completam o ser humano, e o desconhecimento da verdade tem sido a causa de males gravíssimos” (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 12). Neste sentido, a Escola Moderna incentivava os pais a matriculem seus filhos tanto do sexo masculino como do sexo feminino.

Monés também destaca que, a respeito da coeducação de classes,

“Ferrer partia del principio que los hombres nacen iguales y que deben gozar de los mismos derechos a lo largo de la existencia, idea totalmente natural pero que constituía la excepción en la sociedad española de la Restauración. Para superar la discriminación

social y evitar los problemas de los odios de clase, el fundador de la Escuela Moderna, propugnaba la coeducación social.” (MONÉS, 1980, p. 52)

Ferrer dizia que a escola boa, necessária e reparadora era esta, que colocava em contato por meio da igualdade sistemática, ricos e pobres, meninos e meninas.

O trabalho pedagógico da escola era constantemente avaliado, discutido e refletido, levando-se em conta os objetivos educacionais, isso é demonstrado nos boletins na sessão “Observações gerais sobre o primeiro mês de aula” em que se faz uma avaliação do período, como está funcionando o trabalho e o que é preciso modificar:

Hoy debemos examinar si las dos semanas siguientes han confirmado nuestras primeras observaciones, si se afirma un progreso ó si debemos modificar nuestras primeras impresiones.

Nos proponemos estudiar estas dos preguntas:

1.ª ¿Hemos podido establecer el orden en las clases, dejando los discípulos en libertad? En caso negativo, ¿qué medios hemos empleado?

2.ª ¿Se ha acentuado el progreso observado en la primera semana?

A la primera pregunta responderemos que la experiencia nos ha demostrado una vez más la gran distancia que hay de la teoría á la práctica; la educación liberal es excelente á condición de darse con discernimiento; si se quiere realmente que los niños lleguen á ser hombres libres, es preciso comenzar por hacerles comprender y conocer su deber, y luego que acepten la disciplina del trabajo, antes de exigirles el sentimiento de su responsabilidad. (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº 1.)

O trecho anterior retirado do primeiro boletim da Escola Moderna de Barcelona, além de mostrar um pouco das discussões que os profissionais faziam a respeito do andamento do trabalho na Escola, também discorre sobre a concessão da liberdade levando-se em conta a ordem e os deveres. Por ser este um assunto de considerável relevância, é conveniente acrescentar aqui o seguinte texto que trata do ensino da liberdade.

Cada un de los discípulos,—y esto no permite más que un corto número de excepciones,—se nos ha acercado lleno de buena voluntad; pero si nos hubiésemos limitado á hacerles un buen discurso para recomendarles la seriedad, la aplicación y el buen empleo del tiempo, y á continuación hubiéramos inscrito en las salas de clase: «Los discípulos quedan sujetos á su propia vigilancia y cuidado,» la escuela se hubiera convertido en primer término en un lugar de recreo, donde se hubieran practicado toda clase de juegos, más ó menos inofensivos, y luego hubiera terminado en campo de batalla.

Los niños tienen necesidad de hacer el aprendizaje de la libertad como de todo: primeramente, de pequeñitos en la familia, es preciso enseñarles, sobre todo, por ejemplo, á descubrir su propia conciencia, á escucharla y á respetar sus dictados, lo que constituye la moralidad del individuo; después, en la escuela, donde aprenden á vivir en sociedad; la libertad del individuo debe restringirse hasta los límites en que dejaría de ser compatible con la libertad común.

(...)

Es, pues, imperiosamente necesario establecer en una escuela una regla tan amplia y ligera como sea posible, pero lo suficientemente fuerte para que no se la pueda violar impunemente.

Es preciso, no obstante, cuidar mucho de que esta autoridad no se preste jamás al equívoco. Lo que debe respetarse es el trabajo, la autoridad del deber, no la voluntad del maestro; antes al contrario, el maestro debe ser el primero en dar el ejemplo, evitando que los niños puedan atribuirle un acto arbitrario aunque sea en su favor. En tales condiciones, los discípulos aceptan con placer esta regla que sirve para orientarles y guiarles, mejor que para obligarles; se les habitúa á comprobar por sí mismos sus acciones, y puede preverse el día en que, sin peligro, pueda confiárseles su propia dirección.

Por tanto, querer que sin preparación sepan los niños conducirse, cuando con harta frecuencia se ve á los hombres que no lo saben, es querer una cosa tan imposible como dar toda la ciencia en una sola lección.

Para establecer el orden en la escuela nos ha sido necesaria una regla y una vigilancia exactas; pero nuestro principal medio de acción consiste en no dejar sin ocupación á los alumnos y en interesarlos en un trabajo suficientemente variado. (C. Jacquinet, 1901, nº 1)

Este texto nos deixa clara a concepção de liberdade pretendida na Escola Moderna, uma liberdade individual que deve estar atrelada à liberdade de todo o coletivo, para isso é preciso respeitar os limites do individual cumprindo as regras combinadas entre o coletivo.

Tal liberdade, entretanto, assim como tudo, precisa ser aprendida pelas crianças. C. Jacquinet, colaborador do Boletim de la Escuela Moderna, argumenta que se simplesmente deixarmos as crianças fazerem o que bem entendem, a escola se transformaria primeiramente em um lugar de recreio e depois talvez em um campo de batalha. Portanto, para estabelecer a ordem na escola é necessário cumprir as regras e os deveres para com o coletivo escolar.

É importante chamar a atenção para o fato de que o que deve ser respeitado é o trabalho e a autoridade do dever comum e não a mera vontade do professor, que deve ser o primeiro a dar o exemplo. Nestas condições as crianças acabam compreendendo que a regra serve para orientá-las a conviverem e aprenderem juntas e não simplesmente obrigá-las a agirem de determinado modo sem a devida compreensão do porque devem cumprir tal regra.

Mesmo defendendo a liberdade dos alunos, a preocupação e o compromisso com o conhecimento bem como com a socialização deste, também estavam presentes na *Escola Moderna*. Ferrer afirmava que:

“A verdade é de todos e socialmente se deve a todo mundo. Colocar-lhe um preço, reservá-la como monopólio dos poderosos, deixar em ignorância sistemática os humildes e, o que é pior, dar-lhes uma verdade dogmática e oficial em contradição com a ciência para que aceitem sem protesto seu estado ínfimo e deplorável sob um regime político democrático é uma indignidade intolerável e, da minha parte, julgo que o protesto mais eficaz e a ação revolucionária mais positiva consiste em dar aos oprimidos, aos deserdados e a todos aqueles que sentem impulsos justos esta verdade que lhes é escondida, determinante das energias suficientes para a grande obra de regeneração da sociedade.” (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 07)

Assim, fica evidenciado mais um dos objetivos da Escola Moderna, a socialização do conhecimento até então monopólio dos poderosos. E para libertar os oprimidos procurava-se organizar um ensino baseado na ciência, a escola era uma aliada na luta pela transformação social. Os conteúdos do programa da Escola Moderna de Barcelona serão discutidos no próximo tópico.

### **2.2.3 – Os conteúdos abordados**

Em relação aos conteúdos abordados na Escola Moderna de Barcelona, Ferrer propunha um ensino de conteúdos científicos e racionais.

Nos boletins há seções dedicadas à discussão dos conteúdos que estavam sendo trabalhados nas aulas, como por exemplo, a sessão “Primera classe preparatoria – explicación

del empleo del tiempo”, que traz um pouco da rotina da escola. Os boletins também apresentam os programas dos cursos, que eram a primeira e segunda classe preparatória, curso médio e curso normal. Por estes foi possível constatar que nesta escola eram ensinados além de leitura e escrita, conteúdos de história, geografia, estudo dos idiomas espanhol e francês, ciências naturais, ciências físicas, matemática, leitura expressiva, geometria e desenho.

A seguir, há uma breve descrição dos conteúdos programados em cada um dos cursos.

#### *Classes preparatórias:*

A respeito da leitura e escrita, destaca-se a alfabetização das crianças, que primeiramente aprendiam a desenhar e a conhecer as letras do alfabeto e depois juntavam em sílabas. As crianças faziam escrita e cópia das sílabas, começando no caderno primeiramente a lápis, até adquirirem segurança e correção suficientes. Havia o incentivo à leitura de livros.

O estudo dos idiomas espanhol e francês tinha a finalidade de aumentar o vocabulário das crianças e ensiná-las a conjugação dos principais verbos regulares; começando-se pela etimologia das palavras.

A respeito da aritmética, na primeira classe preparatória os alunos iam familiarizando-se com os números, algumas vezes repartindo os objetos dos exercícios manuais, outras contando o número de crianças, etc.; tais exercícios eram estendidos em quantidade e em dificuldade com o objetivo de desenvolver o cálculo mental. Já na segunda classe preparatória o estudo da aritmética compreendia a numeração, os números inteiros e as operações fundamentais (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº5).

A disciplina Geografia da Espanha partia do estudo de Barcelona, e sucessivamente iam-se estudando todas as regiões do país sob o aspecto de sua natureza física, de suas produções (animais, vegetais e minerais), de sua indústria e dos costumes de seus habitantes.

Nas Ciências Naturais ensinavam-se os alunos a conhecerem seu próprio corpo e os preceitos de higiene elementar, tidos como indispensáveis praticar para conservar a saúde.

*Curso Médio:*

No curso médio os alunos começavam a utilizar a capacidade de observação, desenvolvida na medida do possível de acordo com suas idades nas classes preparatórias, colocando em prática suas capacidades de espírito crítico, de exame sério e de juízo. Os estudos já começados referentes às diversas ciências (idiomas, geografia, ciências naturais, matemáticas), adquirem extensão e profundidade, a vez que receberam outros conhecimentos, como as ciências físicas e a história.

Acreditava-se que a partir do contato com estas ciências se manifestaria as tendências pessoais de cada aluno, o que futuramente iria evidenciar suas aptidões a uma carreira livremente escolhida por eles mesmos (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).

O Programa do curso médio era composto por:

- a) Leitura expressiva: introdução dos exercícios de resumo oral da leitura e seu exame crítico (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).
- b) Língua espanhola e francesa: análise da gramática propriamente dita (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).
- c) Matemáticas: do mesmo modo que na classe anterior, o professor se limitava a ensinar o necessário para as necessidades da vida, porém no curso médio deveria mudar os procedimentos de demonstração, deixando um amplo lugar para o cálculo mental e acostumando os alunos a comporem problemas simples relativos às diversas circunstâncias do trabalho e dos gastos domésticos (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).

d) Ciências Naturais: tomando por término da comparação com a morfologia do homem que seria estudada anteriormente, o professor demonstrava como se derivam todas as formas animais e vegetais a partir dos protozoários. Além disso, havia o estudo da cadeia animal e vegetal; das relações que unem o mundo orgânico ao mineral; e das transformações da matéria (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).

e) Ciências físicas: no primeiro ano do estudo da física não haveria explicação de nenhuma teoria, limitando-se a experimentos simples sobre fenômenos diários que as crianças pudessem estar sempre repetindo facilmente. Em relação à química, o professor deveria ensinar primeiramente os corpos simples mais importantes e suas principais propriedades; depois os compostos que se derivam daqueles, cuidando sempre para que o experimento acompanhasse a definição, e que as manipulações, quando não perigosas, fossem feitas pelos próprios alunos (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).

f) Geografia: havia o estudo da formação da crosta terrestre e fundamentos geológicos com seus fósseis característicos; estudo do globo terrestre e da divisão geográfica em partes do mundo – continuidade e ruptura em relação ao passado; estudo das condições de clima e relevo, orografia, hidrografia, meteorologia, mineralogia, flora, fauna, etnologia (estudo das culturas/etnias); e cartografia. (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).

g) História: ênfase no estudo das condições dos trabalhadores de todos os países, suas misérias, escravidão, as lutas empreendidas na esperança da emancipação, a exploração, a manutenção da ignorância, etc. (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 5).

*Primeiro ano normal:*

No primeiro ano normal o programa era o mesmo que o do curso médio, porém os alunos deveriam trabalhar mais por si mesmos por meio de leituras e experimentos de todas as

classes, o professor não deveria mais ensiná-los diretamente, e sim apenas orientá-los. (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 5).

Dentre as disciplinas oferecidas ao longo dos cursos, havia também a geometria e o desenho, em que o professor deveria ensinar aos alunos as figuras mais importantes, incentivando-os a desenhá-las com exatidão. Ao longo dos cursos os alunos deveriam aprender a determinar a forma geométrica dos diferentes objetos que os rodeiam, desenhar combinações de linhas e superfícies planas, e por fim, calcular a superfície dos cinco quadriláteros (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 5).

A educação física também compunha o programa através de aulas de ginástica simples, sem a utilização de qualquer aparelho. As atividades eram a marcha rítmica, a corrida em fila dando voltas e entrecruzando, os diversos movimentos dos membros, entre outras do gênero.

A narração era a primeira lição da tarde, as histórias, que as crianças adoravam ouvir, recomendava-se que não passassem de meia hora. Havia a ressalva de algumas histórias que deveriam ser evitadas: com ídolos, ou homens chamados ilustres cuja celebridade consiste em derramamento de sangue com grave dano aos cidadãos. Além destas, histórias edificantes sobre meninos bons e dóceis ou sobre castigos terríveis, porque tais contos eram contrários ao objetivo da escola de educar uma geração livre (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº 2).

A *Escola Moderna de Barcelona* trabalhava com o livro infantil chamado “As aventuras de Nono”, que de acordo com o boletim,

No es este librito obra pura de fantasía, ni de entretenimiento de la la niñez, ni de enseñanza moral si se quiere. Es á la vez que todo lo referido, una obra de pedagogía que debiera ir á las manos de todos nuestros educadores atávicos y convertirla en un libro de estudio y seria meditación (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 8).

Ferrer dizia que o livro era instrutivo e falava de um país onde todos trabalham para um e um para todos, onde não havia dinheiro nem ladrões, nem quem impusesse as leis que lhes aprazam, nem armas, e onde se fomentava a ciência e a arte, no livro o mundo é como ele deveria ser (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 72/73). Apesar de o livro ser frequentemente citado, não se sabe o quanto nem como ele era abordado nas aulas.

A higiene era outro assunto tratado com frequência, havia recomendações aos professores para que em suas explicações insistissem na questão da higiene do corpo e da limpeza, expondo as vantagens dos banhos, das lavagens em geral, etc.

Cabe ressaltar também o considerável papel atribuído aos jogos e brincadeiras: “Os jogos e as brincadeiras são indispensáveis às crianças. No tocante a sua constituição, saúde e desenvolvimento físico, todo mundo estará formado (...)” (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 22).

Monés (1980) nos lembra que os jogos eram importantes não somente para propiciar o desenvolvimento e fomentar a livre atividade da criança, mas também como primeiro passo para sua socialização, entendida no sentido de solidariedade (MONÉS, 1980, p. 57).

Além das aulas normais, existiam também as conferências da *Escola Moderna*, que ocorriam aos domingos e eram abertas para alunos, pais e comunidade. Tais conferências abordavam vários temas, alguns dos que foram relatados nos boletins são: o homem e a sociedade, o vapor e suas aplicações, a evolução da humanidade, inconvenientes do uso do tabaco, vulcanismo, biologia, botânica, vacinação, entre muitos outros.

Para além dos conteúdos do programa, havia o estudo do que está ao redor das crianças - as diversas partes do corpo, a casa, a cidade, os animais, as plantas dos campos etc. Havia a recomendação aos professores de que, “sin olvidar el orden del programa, no deben desperdiciarse los incidentes que pueden suministrar asuntos útiles de lección.” (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº 1).

Os passeios eram uma oportunidade para o estudo do meio, sendo feitos com o propósito de aproveitar as circunstâncias favoráveis para aumentar o conhecimento das crianças. Alguns passeios relatados foram: circo, parque, zoológico, gráfica que imprime o Boletim, fábricas, etc.

É importante destacar o espaço reservado aos trabalhos manuais. Estes, assim como os demais conteúdos, tinham por finalidade formar homens aptos para a vida, contando com o desenvolvimento de todo o corpo humano e não apenas do cérebro.

O boletim aponta que os exercícios manuais tinham a dupla habilidade de execução e invenção das crianças e eram bem variados, compreendendo desde o desenho na lousa até as peças cúbicas de construção, passando pelo tecido, a dobradura, e o recorte de papel com os dedos. Não era fixado o dia para cada exercício, os alunos escolhiam livremente, apenas em alguns momentos o professor sugeria a escolha de seus alunos com a finalidade de introduzir a variedade no trabalho.

Ainda a respeito dos trabalhos manuais, é válido destacar que estes também tinham um papel diante do ideal de coeducação de classes sociais e de sexos, como evidenciam os seguintes fragmentos retirados dos boletins:

El trabajo manual en el colegio será como un puente echado entre la primera y la segunda enseñanza, entre los obreros y los intelectuales; será una inclinación hacia la enseñanza integral, que reunirá un día próximo, así lo espero, todos los niños, hijos de capitalistas y de proletarios, para desarrollarse en el sentido y en el límite de sus aptitudes; será un paso dado hacia la fusión de las clases. (...)

Lo que podemos razonablemente pedir es que por la educación manual, como por la educación intelectual, se eleve el nivel del saber femenino y se atenúe la preocupación de la desigualdad de los hechos. Ya es tiempo de enseñar á los niños que no hay trabajo despreciable para ellos *que sea bueno para las niñas*. (Boletín de la Escuela Moderna, 1903, nº 8, grifos do autor)

Sobre o fato de ensinar os meninos que não há trabalho específico para as mulheres, o autor também argumenta que é útil ensiná-los alguns rudimentos de educação doméstica, como por exemplo, manejar uma agulha, pregar um botão, arrumar uma cama e varrer a casa.

Diante de tais conteúdos, a educação moral também não era deixada de lado. Havia o esforço em demonstrar às crianças por feitos tangíveis que os homens têm mais interesse em

praticar o bem do que em praticar o mal. Deste modo, a equipe pedagógica estava empenhada em ensinar que o interesse bem entendido de cada um consiste no cumprimento de seu dever, que a felicidade da vida se enlaça estreitamente com a nossa maneira de compreender e de praticar a justiça e o bem. Para isso, a escola procurava estabelecer uma atmosfera de franqueza e combatia a mentira e a dissimulação, assim, os alunos iam compreendendo que não era fácil enganar e acabavam perdendo mais com isso (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº 2).

É possível perceber que os conteúdos eram vastos, havia um programa bem organizado, porém a flexibilidade também estava presente, oferecendo espaço para os passeios e outros assuntos que surgissem da atualidade ou do interesse das crianças.

Esses conteúdos muitas vezes vinham acompanhados de orientações aos professores a respeito da forma de trabalhá-los com os alunos, este assunto será um pouco mais discutido no tópico seguinte.

#### **2.2.4 – O trabalho dos professores**

Em se tratando do trabalho dos professores, seus deveres em um ensino racionalista, os boletins da *Escola Moderna de Barcelona* trazem várias informações. Algumas sessões são dedicadas a este assunto, como a sessão “Al profesorado” que chegou a discorrer sobre o planejamento do professor e apresentar indicações pedagógicas relativas à educação geral dos alunos.

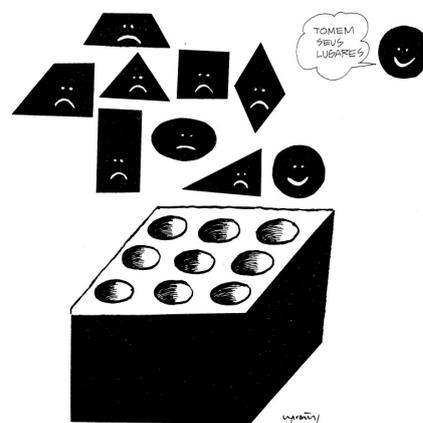
Neste sentido, foi apontado que uma das questões mais importantes para os professores é a preparação das lições. Planejar anteriormente, com consciência e sem descuidar de nenhum detalhe do se propõe a fazer no dia seguinte, deve ser para todo

professor que respeita a sua profissão, o primeiro de todos os seus deveres (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 7).

Já as indicações pedagógicas giram em torno da necessidade de o professor conhecer todos os seus alunos, e para isso, o educador precisa observá-los sempre, sendo muito importante deixar as crianças em completa liberdade, com a única reserva de que não façam nada prejudicial a si mesma e nem aos demais.

Entre as indicações pedagógicas está também o erro de se aplicar na escola uma única regra uniforme para todos os alunos, considerando que eles são diferentes entre si e também possuem necessidades diferentes:

La aplicación de una regla uniforme es la medida más injusta á que pueda recurrirse, precisamente porque una misma acción ejecutada por niños de caracteres diferentes, es inspirada por móviles diametralmente opuestos, y para obrar eficazmente sobre cada uno de estos niños se necesita conocerlos. (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº1)



O não reconhecimento das diferenças<sup>12</sup>

Tragtenberg (1978) argumenta que Ferrer propunha aos pedagogos que se dedicassem a inspirar nos alunos o amor ao trabalho sem sanções arbitrárias e também evitar

“(…) fornecer às crianças a noção de comparação e medidas entre os indivíduos porque, para que os homens apreciem e compreendam a diversidade infinita que existe de caracteres e inteligências, é necessário evitar a figura da concepção imutável do *bom aluno*”. (TRAGTENBERG, 1978, p.33)

Desta maneira, os professores eram orientados a anotar cuidadosamente as observações de todo tipo que apareciam desde os primeiros dias de aula e procurar estabelecer a característica de cada aluno, a fim de poder dirigir a ação que seria exercida sobre eles. Tais

<sup>12</sup> Imagem de autoria de Claudius Ceccon, reproduzida do livro: *Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*, 1986, p. 72.

observações tinham dupla finalidade: orientar o professor na classe; e ensinar-lhe a retificar seu primeiro juízo e desconfiar das opiniões precipitadas (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº1).

A respeito do diretivismo na educação, o boletim discute que não se pode abandonar a criança no princípio de sua educação a formar conceitos por conta própria, a autonomia da criança estava sendo desenvolvida ao longo do curso. O papel do professor nos primeiros anos era o de semear as ideias:

"El profesor siembra las semillas de las ideas. Y éstas, cuando con la edad se vigoriza el cerebro, entonces dan la flor y el fruto correspondientes, en consonancia con el grado de la iniciativa y con la fisonomía característica de la inteligencia del educando." (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº1).

Por outro lado, é salientado que não se educa integralmente o homem disciplinando sua inteligência e relegando a sua vontade. Paul Robin, em um de seus textos publicados no Boletín de la Escuela Moderna, discute algumas considerações a esse respeito:

Cuando el niño quiere saber aprende fácilmente; pero si se le impone el deber de aprender sin que se haya sabido inspirarle el deseo, ni hacerle sentir la utilidad y el encanto, y aun diré después de habérselo frecuentemente impedido, una de dos: ó bien, si es de naturaleza apática y sumisa, sufrirá la ley del más fuerte, y entonces, desanimado y triste, dejará libros y profesores; ó bien, si es de naturaleza enérgica y tendencia rebelde, gastará en luchas, en resistencias estériles, una fuerza que hubiera podido ser bien utilizada, y su impertinente inclinación á la negativa le seguirá en la vida con un cortejo de dolorosos sentimientos. (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 5)

De acordo com Robin, é importante que o professor saiba inspirar nos alunos o desejo de aprender antes de impor-lhes simplesmente o dever.

Outra tarefa apontada como sendo dos educadores é a de ensinar as crianças a se conduzirem segundo a lei racional, devendo os professores esforçarem-se para sempre dirigir neste sentido todas as instruções, sem esquecer que os melhores conselhos são os que os alunos deduzem de sua própria conduta.

Os alunos não usavam como propriedade particular nada dos materiais da escola, e nesta mesma direção os professores não designavam aos alunos lugares determinados nas classes. Tais costumes tinham o objetivo de ensinar os alunos a considerarem as coisas

necessárias à vida como do domínio de todos, o que tenderia a fazer com que desaparecesse o instinto de propriedade privada contra o qual se lutava (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº1).

A necessidade de formação e estudo dos professores da escola também é discutida no boletim: “La primera necesidad que experimenta quien se dedica á la enseñanza, consiste en conocer á fondo todo lo que se ha dicho y escrito en materia pedagógica.” (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 3). Ferrer dizia que para lidar com as crianças não basta ter vontade e gosto, mas é preciso também conhecimento e experiência.

Para formar os professores que atuavam na escola Moderna de Barcelona havia uma “espécie de Escola Normal racionalista onde se matriculavam candidatos a professores de ambos os sexos, funcionando com êxito até seu fechamento arbitrário”. (Tragtenberg, 1978, p. 30)

É importante destacar o modo como os professores eram orientados para agir enquanto ensinavam: “El profesor provocará siempre las reflexiones de los discípulos, sin imponerles ninguna de sus ideas propias; pero discutirá con ellos sus conclusiones y sus opiniones, sea para confirmarlas, sea para combatirlas.” (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 4).

Sendo assim, percebe-se que a postura dos professores da Escola Moderna de Barcelona era a de dar liberdade e respeitar as ideias dos alunos, porém não paravam nisso, eram professores que estudavam, se preparavam para as aulas, baseavam-se na ciência e no racionalismo e tinham um trabalho de formação, provocando reflexões, desenvolvendo a autonomia e ensinando a viver.

Uma última consideração a ser feita é que essas orientações aos professores só teriam sentido para aqueles que são amantes de sua profissão, do contrário, nenhum conselho seria suficiente para melhorar o seu trabalho, e estes não serviam para atuar na *Escuela Moderna*:

Podría prolongar mucho estas reflexiones; la materia es inagotable; pero juzgo inútil hacerlo aquí, porque si me dirijo á profesores amantes de su profesión y animados del deseo de cumplirla en conciencia, claro es que tendrán el tacto necesario en todas los

circunstancias, y una sencilla indicación les basta para encontrar la buena vía, y si por el contrario les falta entusiasmo, si no ven en sus funciones más que un medio de vida como si se tratara de una de tantas carreras en que luchan los hombres por la subsistencia, que se retire, es indigno; centenares de volúmenes de consejos no le mejorarían un ápice. (Boletín de la Escuela Moderna, p. 08 I)

No próximo tópico será discutido o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos na Escola Moderna.

### 2.2.5 - Avaliação

Em relação ao processo de avaliação na *Escola Moderna de Barcelona*, os primeiros boletins mostram que a princípio havia exames, como está na seguinte citação que explica os objetivos deste:

“(…) los exámenes no tienen por objeto poner á prueba el mérito del maestro ni dar lustre á los discípulos obteniendo respuestas brillantes y un bagaje de conocimientos más ó menos voluminoso y bien surtido. No, el examen se dirige á que el maestro juzgue lo que los discipulos han adquirido seriamente en el curso del trimestre, especialmente desde el punto de vista de su inteligencia: ¿Han aprendido á observar? ¿Comienzan á saber sacar algunas deducciones justas de sus observaciones? (...)”. (Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 6)

Por este trecho, é possível constatar que no início havia exames, porém estes serviam para os professores analisarem como estava ocorrendo o desenvolvimento dos alunos.

Sobre as notas dos alunos, o segundo boletim do primeiro ano da escola, ao comentar a inauguração das conferências dominicais, apresenta a seguinte declaração:

“Ante una concurrencia de niños, familias y público (...), procedióse al examen de las notas escolares obtenidas por niñas y niños durante el mes anterior, en las que con toda sinceridad y seriedad se exponen las condiciones intelectuales y de carácter de los alumnos. (Boletín de la Escuela Moderna, 1901, nº 2).

Em outros momentos, o boletim divulga uma relação dos alunos que frequentavam a escola, bem como considerações sobre suas condutas e a nota que obtiveram, como é possível notar no exemplo a seguir sobre as notas pessoais dos alunos do primeiro ano que foram publicadas no boletim:

## NOTAS PERSONALES DE LOS ALUMNOS

### Primer año normal preparatorio

*Vicente Bouacasa.*—Su conducta es algo irregular; pero su trabajo continúa siendo bueno.

—Nota 8.

*Carlos Titrrez.*—No trata de observar por sí mismo.—Nota 5.

*Arturo Boada.*—Picrác el tiempo, y su resultado es que responde generalmente mal á las preguntas.—Nota 4.

*Luis Auber.*—Trabajaría bien si estuviere solo en la clase; pero se deja distraer fácilmente y sus progresos se resienten de ello.—Nota 4.

(Boletín de la Escuela Moderna, 1902, nº 6)

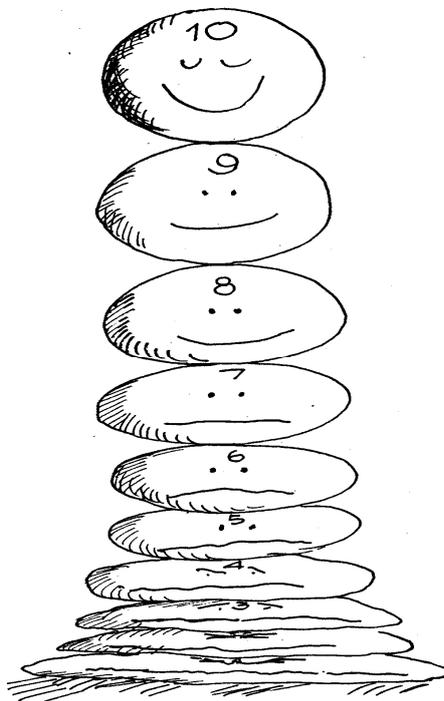
No entanto, outros documentos mais recentes evidenciam que com o tempo esse quadro mudou e a Escola Moderna acabou abolindo os exames. Tragtenberg (1978) inclusive dedica uma parte de seu artigo discutindo porque a *Escola Moderna* aboliu os exames:

“A situação de exame apresenta-se para Ferrer, como um tribunal inflexível, onde o educando sofre tremendo interrogatório, constituindo o símbolo do atual sistema de ensino. O exame, prêmios e concursos escolares, terminam com educandos carregados de diplomas e outros símbolos escolares. Ferrer critica a competitividade, mola do sistema de ensino que leva o educando a procurar *superiores* a admirar ou *inferiores* a desprezar. (...)” (TRAGTENBERG, 1978, P. 33).

No livro “A Escola moderna”, de Ferrer i Guàrdia (2010 [1912]), há um capítulo denominado “nem prêmio nem castigo”, em que se discute este assunto. Ele argumenta que, partindo da solidariedade e da igualdade, com a coeducação de meninos e meninas, ricos e pobres, não há porque criar uma nova desigualdade, por isso na *Escola Moderna* não havia prêmios, nem castigo, e nem provas e notas. Para Ferrer,

“No colégio, tudo tem que ser efetuado em benefício do estudante. Todo ato que não seja feito com este fim deve ser rejeitado como antiético à natureza de um ensino positivo. Das provas não se tira nada de bom; pelo contrário, o aluno recebe embriões de muito mal. Além das doenças físicas mencionadas, sobretudo as do sistema nervoso e o acaso de uma morte prematura, os elementos morais que este ato imoral qualificado de prova inicia na consciência da criança são: a vaidade enlouquecedora dos altamente premiados; a inveja roedora e a humilhação, obstáculo de iniciativas saudáveis, aos que falharam; e em uns e outros, e em todos, os alvares da maioria dos sentimentos que formam os matizes do egoísmo. (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 35)

A seguinte ilustração de Ceccon mostra, pelas expressões de cada nota, o que Ferrer queria dizer sobre a vaidade dos premiados e a humilhação dos que falharam:



As notas <sup>13</sup>

Diante deste quadro, é possível constatar que embora os primeiros boletins dêem indícios de que havia exames e notas, documentos posteriores evidenciam que os exames, notas, prêmios e castigos foram não somente abolidos da escola como eram combatidos teoricamente.

É válido considerar que Ferrer chega a comentar no livro que dependendo da situação a prova e a nota poderiam ser úteis, ele não discute estes casos, mas foca em sua escola, que acima de tudo procurava desenvolver as capacidades da infância:

“Quando se ensina uma ciência, uma arte, uma indústria, uma especialidade; qualquer um que necessite de condições especiais, dado que os indivíduos podem sentir uma vocação ou ter, por causas diversas, tais ou quais aptidões, a prova poderá ser útil, e talvez um diploma acadêmico aprobatório, assim como uma triste nota negativa podem ter sua razão de ser, não o discuto; nem nego nem afirmo. Mas na Escola Moderna não havia tal especialidade, ali nem sequer se antecipavam aqueles ensinos de conveniência mais urgente encaminhados a se colocar em comunhão intelectual com o mundo; o

---

<sup>13</sup> Imagem de autoria de Claudius Ceccon, reproduzida do livro: *Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*, 1986, p. 49.

culminante daquela escola, o que a distinguiu de todas, mesmo das que pretendiam se passar como modelos progressivos, era que nela eram desenvolvidas amplissimamente as faculdades da infância sem sujeição a nenhum padrão dogmático, nem mesmo aquele que pudesse ser considerado como resumo da convicção de seu fundador e de seus professores, e cada aluno saía dali para entrar na atividade social com a aptidão necessária para ser seu próprio mestre e guia em todo o curso de sua vida.” (Ferrer i Guàrdia, 2010 [1912], p. 33-34)

Por fim, é importante destacar que embora Ferrer critique o modelo de escola convencional e a separação entre a escola e a vida, ele não conclui que é necessário eliminar a escola ou reformá-la, mas sugere a criação de outra escola tendo como exemplo a *Escola Moderna*. Uma escola que forme personalidades críticas sem imposições; que se baseie na ciência e não seja dogmática; não tenha prêmios, castigos e exames, mas sim o gosto pela natureza; e que a fundamentação do ensino seja o interesse da criança e o respeito à infância.

Foi neste sentido que os fundadores das *Escolas Modernas* de São Paulo procuraram organizar as escolas paulistanas, seguindo os princípios propostos por Ferrer e tendo como exemplo a *Escola Moderna de Barcelona*.

## CAPÍTULO 3 – AS ESCOLAS MODERNAS DE SÃO PAULO E A INFLUÊNCIA DE FRANCISCO FERRER E DA ESCOLA MODERNA DE BARCELONA

### 3.1 - O trabalho pedagógico nas Escolas Modernas de São Paulo

No Brasil, as escolas libertárias estavam bastante voltadas para a ação transformadora da sociedade. Alguns de seus professores, como João Penteadado e Adelino de Pinho, viam as escolas formais como espaços a serem utilizados na sensibilização dos alunos para o ideal de mudança social.

É importante considerar que a sociedade por eles idealizada surgia como uma comunidade fraternal e solidária, para tanto era necessário que os homens se libertassem dos governantes e dos meios de exploração. Além disso, para realizar sua liberdade, todos os homens teriam de participar e se responsabilizar pelo andamento das organizações sociais. (JOMINI, 1990, p. 94)

Assim a comunidade escolar era incentivada a participar da manutenção das escolas e outras organizações sociais. A educação do homem para a liberdade também implicava na adoção de um método de ensino racionalista, que se baseava na ciência e que levava em conta as características de cada educando. As vantagens do ensino científico eram justificadas, colocando-o em justaposição ao religioso. (JOMINI, 1990, p. 106)

Para Adelino de Pinho, tanto a educação religiosa quanto a estatal prejudicavam a formação libertadora, pois,

“O ensino nas escolas públicas, mesmo sendo científico seguia regras rígidas, baseadas em planos pedagógicos inflexíveis e na autoridade do professor. Isto acontecia porque a educação pública estava destinada, não a libertar os homens, mas a criar cidadãos-soldados, prontos a obedecer e defender a ordem estabelecida.” (JOMINI, 1990, p. 107).

Com a crítica ao ensino religioso e ao ensino estatal que, longe de pensarem na libertação dos homens, procuravam mantê-los na ignorância para melhor manipulá-los,

mantendo e reproduzindo a organização social vigente, os libertários brasileiros fundaram escolas com o método racionalista, entre estas, as *Escolas Modernas* de São Paulo.

Os boletins da *Escola Moderna de São Paulo* evidenciam que seus organizadores foram bastante influenciados por Francisco Ferrer e tinham a intenção de montar as escolas nos mesmos princípios que a *Escola Moderna de Barcelona*. Logo na capa do primeiro exemplar do boletim há uma homenagem a Francisco Ferrer em comemoração ao aniversário de sua morte em 1909. O boletim discute alguns planos e finalidades da obra da Escola Moderna, trazendo algumas citações de Francisco Ferrer. O seguinte trecho retrata bem esta questão:

“(…) a estas escolas que só preparam para a morte opôs Ferrer a sua Escola Moderna que preparava para a vida. Com a sua escola propunha-se educar as gerações infantis em princípios inteiramente novos, em bases completamente racionalísticas, em conhecimentos concretos. Uma educação despida de preconceitos, alheia a moral corrente do venha a nós, baseada nos fatos e fenômenos naturais, na observação e na crítica racional. Nada de fórmulas feitas, mas o aluno mesmo ser levado a descobrir o fenômeno, a causa ou a lei natural a que obedece (...) E porque teve a ousadia de contrariar as instituições de domínio e de escravização, mataram-no!... – Honremos sua memória!” (Boletim da Escola Moderna, 1918, nº 01)

Os objetivos da *Escola Moderna de São Paulo* são claramente expostos no trecho a seguir:

“A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificultem à emancipação total do indivíduo e para isso adota o racionalismo humanitário que consiste em inculcar à infância o afan de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que com o seu conhecimento possa logo combatê-las e opor-se a elas.  
O nosso racionalismo humanitário combate as guerras fratricidas, sejam intestinas ou exteriores, combate a exploração do homem pelo homem, combate a relegação em que tem a mulher e combate todos os inimigos da harmonia humana como são a ignorância, a maldade, a soberba e outros vícios e defeitos que tem dividido os homens em tiranos e tiranizados.  
O ensino racionalista e científico da Escola Moderna há de abarcar, como se vê, o estudo de tudo o que seria favorável à liberdade do indivíduo e a harmonia da coletividade, mediante um regime de paz, amor e bem estar para todos, sem distinção de classes e de sexos.” (Boletim da Escola Moderna, 1918, nº 01).

Neste sentido, percebe-se que os princípios básicos e objetivos educacionais presentes na *Escola Moderna de Barcelona* também estavam presentes nos ideais das *Escolas Modernas* de São Paulo, que eram a preparação para a vida, a emancipação e a liberdade dos

alunos, o compromisso com a transformação social visando a criação de uma sociedade igualitária, por isso a coeducação de sexos e classes, e tendo base no ensino racional das ciências, era um ensino teórico e prático, preocupado com a formação do sujeito integral.

No caso de São Paulo, as escolas estavam bastante vinculadas ao movimento operário e sindicalista, contando com o apoio de vários sindicatos de trabalhadores. Neste contexto, os princípios de liberdade condicionada pelo social e solidariedade norteavam vários preceitos pedagógicos como a participação dos alunos em festas e protestos próprios à classe trabalhadora, a diminuição da autoridade do professor, a valorização do aluno e a não realização de provas (JOMINI, 1990, p. 95).

Seguindo também o exemplo da *Escola Moderna de Barcelona*, a rotina da vida escolar da *Escola Moderna nº 1* de São Paulo incluía os exercícios chamados epistolares (confeções de cartas e descrição de ambientes e festas), as redações de temas sociais e da atualidade e as excursões pela cidade, sendo abordados os conteúdos do cotidiano dos alunos.

Em relação ao programa das *Escolas Modernas* de São Paulo, Luizetto (1984), em sua tese de doutorado, nos traz que:

“O curso primário compunha-se das seguintes matérias: ‘rudimentos de português, aritmética, caligrafia e desenho’. O curso médio, de ‘gramática, aritmética, geografia, princípios de ciências, caligrafia e desenho’. E o curso adiantado de ‘gramática, aritmética, geografia, noções de ciências físicas e naturais, história, geometria, caligrafia, desenho, datilografia’. A *Escola Moderna nº1* informava, ainda, que para as meninas, especialmente, era oferecido um curso de ‘trabalhos manuais: costura, bordado, etc.’” (A PLEBE, São Paulo, 9 jun. 1917, apud LUIZETTO, 1984, p. 276)

Através deste fragmento podemos conhecer as disciplinas que compunham o currículo da escola, além dos idiomas inglês e francês que também são citados nos boletins. Além disso, é possível dizer que os trabalhos manuais parecem ter menor espaço em relação à *Escola Moderna de Barcelona*, sendo que o único curso citado era oferecido especialmente para as meninas, o que acaba sendo uma contradição com o princípio da coeducação de sexos, que foi proposta e implementada nas outras áreas.

Em relação às conferências científicas, percebe-se que havia a intenção de organizá-las nas escolas, eram consideradas importantes pelos benefícios que poderiam prestar às classes trabalhadoras, porém não foi citada nenhuma que se realizou de fato, o último Boletim nos traz a seguinte informação: “Ainda não desistimos do propósito de realizar na nossa sede as anunciadas conferências de propaganda científica, que oportunamente serão levadas a efeito.” (Boletim da Escola Moderna, 1919, nº 3 e 4). No entanto, neste mesmo ano as escolas foram fechadas e provavelmente estas conferências não se efetivaram na prática.

Uma especificidade das *Escolas Modernas* de São Paulo é que estas organizavam diversas comemorações de acontecimentos históricos e de interesse social. Havia uma preocupação em manter viva na memória de seus membros as datas significativas da História dos oprimidos. Assim, havia festas, publicação de notícias ou conferências sobre a morte de Francisco Ferrer, a Comuna de Paris e o 1º de maio - dia do trabalhador.

A respeito do trabalho dos professores, as *Escolas Modernas* de São Paulo também parecem seguir a mesma linha da escola espanhola, como argumenta Jomini (1990):

“Para alcançar a meta de formar homens livres, o ensino deveria respeitar as particularidades de cada estudante. As matérias deveriam ser ministradas sem prazos, nem programas determinados, a fim de permitir, a cada um, aprender o que lhe fosse possível, de acordo com a sua capacidade intelectual. (...) De mais a mais, os professores, em vez de apresentarem o conhecimento pronto e solidificado a seus alunos, deveriam induzi-los a descobrirem, por si mesmos, as leis que regem os fenômenos da natureza e a perceberem, criticamente, os problemas sociais.” (JOMINI, 1990, p. 108).

Neste sentido, constata-se que a diminuição da autoridade do professor, a centralidade na criança, bem como o respeito aos seus interesses, eram ideias que estavam presentes tanto na escola espanhola como nas paulistanas. Entretanto, a respeito destas últimas, encontramos menos informações sobre a formação dos professores e orientações a estes.

Um ponto importante a ser ressaltado é sobre o espaço reservado ao ensino moral. Entendendo que a educação deveria acontecer também através do exemplo, as crianças precisavam receber das pessoas que as cercavam modelos de conduta condizentes com os

ideais de liberdade e solidariedade, por isso os professores deveriam agir de modo coerente com tais princípios. Em São Paulo, eles davam exemplos de solidariedade e de participação nas organizações sociais ao envolverem-se em atividades sindicais, greves e propaganda (JOMINI, 1990, p. 110).

Sobre a avaliação, não há documentos próprios das *Escolas Modernas* de São Paulo que tratam especificamente desta questão. No entanto, Jomini (1990) traz um documento de Adelino de Pinho (*Pela educação e pelo trabalho*, 1908), da época em que este era professor da Escola Social da Liga Operária de Campinas, em que ele discute algumas considerações a respeito da avaliação.

De acordo com Adelino de Pinho,

“O diploma, como toda espécie de prêmios, é prejudicial [...] e atentatório à pedagogia moderna. São coisas que só servem para tornar as crianças vaidosas [...] aquelas que o obtém [...]. As outras [...] menos aptas ao ensino que lhes dão – essas são [...] [deixadas] de lado. (...)” (PINHO, 1908: 2, apud JOMINI, 1990, p. 50).

Além disso, Pinho também se preocupava com o estímulo à competitividade provocado pelos prêmios ou castigos atribuídos aos estudantes, por isso era contra a realização de exames e provas. No entanto, nem sempre era possível evitar tal prática. Nestas condições ele acreditava que era preciso avaliar o esforço dos alunos e não os resultados: “Nada merece pois recompensa ou elogios, mas a havê-los, deveria ser para o esforço e não para o resultado” (PINHO, 1908:10, apud JOMINI, 1990, p. 51).

Percebe-se que as ideias de Adelino de Pinho a respeito da avaliação eram semelhantes às formuladas por Ferrer, diante disso é possível constatar que Pinho conhecia e procurava seguir as ideias deste último.

É importante ressaltar a respeito das *Escolas Modernas* de São Paulo, que a meta final da educação era a de colaborar na instalação da organização social pretendida, na qual os membros estariam voltados para a realização do bem-estar social de todos. Assim, os

métodos, os conteúdos e a avaliação propostos tinham o sentido de reforçar a solidariedade e envolver a comunidade escolar no processo de criação da nova sociedade.

Esse compromisso com a transformação social determinou a especificidade da prática educacional libertária em relação a outras propostas pedagógicas do período.

Martins (2006), em seu texto *A educação libertária na primeira república*, destaca que na proposta pedagógica da Escola Nova consta a necessidade de mudar os parâmetros da educação tradicional, mas diferente dos anarquistas, não demandava uma revolução profunda na ordem social vigente. “Nenhum intelectual escolanovista propunha a destruição do modo de produção capitalista ou uma sociedade sem Estado”. (MARTINS, 2006, p. 06).

A proposta anarquista valorizava o desenvolvimento das capacidades do aluno, porém não no sentido de proporcionar sua ascensão individual na sociedade – como defende a educação liberal tradicional e escolanovista – mas sim para que ele pudesse ter melhores condições de contribuir para a transformação social. (JOMINI, 1990, p. 123)

Assim, apesar de utilizar certos discursos próximos aos da educação liberal, o pensamento libertário anarquista diferenciou-se destes por focar-se na formação de indivíduos preocupados com o bem-estar social e a construção de uma nova sociedade igualitária.

### **3.2 – Algumas considerações sobre a influência da Escola Moderna de Barcelona e de Francisco Ferrer sobre as escolas modernas de São Paulo e seus organizadores.**

Como foi apontado em alguns momentos ao longo da discussão sobre a organização do trabalho pedagógico na *Escola Moderna de Barcelona* e nas *Escolas Modernas* de São Paulo, é possível constatar que Francisco Ferrer y Guardia e a escola espanhola influenciaram bastante os fundadores das *Escolas Modernas* de São Paulo.

Entre os materiais possuídos pela *Escola Moderna de São Paulo nº1* - encontrados no “Inventário da Escola Moderna nº 1” -, está um quadro com o retrato de Ferrer que compunha uma das salas de aula. Além disso, os objetivos desta escola eram anunciados em termos semelhantes e até mesmo idênticos aos da *Escola Moderna de Barcelona*.

Assim como Ferrer na Espanha, no Brasil também procurou utilizar-se da imprensa como recurso didático-pedagógico. *A Escola Moderna de São Paulo* possuiu dois jornais:

“o primeiro deles tinha caráter nitidamente pedagógico, chamava-se *O Início*, e trazia redações de alunos e atividades correspondentes ao cotidiano escolar. O segundo jornal apareceu posteriormente, chamava-se *Boletim da Escola Moderna n. 1*; dedicava-se a artigos sobre Ensino Racionalista, relatórios e estatísticas internas da Escola Moderna, comemorações de datas importantes ao Movimento Operário etc.” (GHIRALDELLI Jr., 1987, p. 134).

Apesar de outros nomes da educação libertária, tais como Robin e Faure, terem contribuído com o ideal pedagógico das escolas paulistanas, Ferrer com certeza foi o que mais inspirou a organização do ensino entre os anarquistas no país, prova disso é o próprio nome “Escola Moderna”.

A esse respeito, Luizetto (1984) sabiamente argumenta que:

“Nem sempre, porém, a cópia acompanhava todos os traços do modelo. Ainda que nos faltem dados completos, é pouco provável que nas Escolas Modernas daqui tenha se generalizado a prática da mistura de alunos de diferentes origens sociais, muito embora o fenômeno tivesse se manifestado no nível da organização da escola (...). (LUIZETTO, 1984, p. 240-241, grifos do autor).

Além deste ponto elencado por Luizetto, é possível considerar também outras diferenças influenciadas pelos contextos das escolas. Enquanto na *Escola Moderna de Barcelona* organizava-se a coeducação de classes, o boletim da escola em nenhum momento evidencia que essa estava vinculada ao proletariado, ou a qualquer outro grupo específico. Já os organizadores da *Escola Moderna de São Paulo* em sua maioria eram militantes anarco-sindicalistas, sendo que a escola estava bastante vinculada ao movimento operário e se envolvia diretamente na luta dos trabalhadores, desenvolvendo a solidariedade neste aspecto.

Outro ponto importante de ser ressaltado é a diferença de recursos financeiros que as escolas possuíam. A escola espanhola parecia conseguir manter a publicação mensal dos boletins e também outras publicações da editora da escola e ao menos nos primeiros boletins não foi constatado nenhum comentário a respeito da falta de recursos.

O contrário se passava nas escolas paulistanas, que por motivo financeiro substituíram a publicação do jornal dos alunos “O Início” pela publicação do “Boletim da Escola Moderna”, argumentando que não conseguiriam manter a publicação de ambos os jornais. A intenção era que este último fosse publicado mensalmente, porém em seis meses foram publicados apenas quatro boletins devido à falta de recursos. Além disso, os boletins traziam apelos de ajuda financeira para a manutenção das escolas, tal ajuda muitas vezes vinha dos familiares dos alunos, que colaboravam com dinheiro e doações para as festas, e também de sindicatos de trabalhadores. Apesar das dificuldades enfrentadas, os organizadores lutavam com todas as forças pela manutenção das escolas e não foram as dificuldades financeiras que fecharam suas portas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas pesquisas anteriores (cf. TRAGTENBERG, 1978; MORAES, 2006) já evidenciaram que a educação formal libertária esteve voltada para a construção de uma nova sociedade, caracterizada pela autogestão, liberdade e solidariedade entre os indivíduos, valorizando a educação integral e uma educação para a vida. Esse compromisso com a transformação social determinou a especificidade da prática educacional libertária em relação a outras propostas pedagógicas existentes no mesmo período.

Neste trabalho, procurou-se entender como o trabalho pedagógico era organizado em três escolas libertárias, a *Escola Moderna de Barcelona* e as *Escolas Modernas* de São Paulo (nº1 e nº2).

Foi possível constatar que a *Escola Moderna de Barcelona*, fundada pelo educador Francisco Ferrer y Guardia, tinha como objetivo a formação de pessoas instruídas, críticas, justas e livres. Para isso, ele propunha um ensino de conteúdos científicos e racionais e uma educação conjunta de sexos e classes sociais, recomendando aos professores que ensinassem na liberdade e com comprometimento.

As *Escolas Modernas* de São Paulo basearam-se nos mesmos princípios da escola de Barcelona, sendo esta um modelo, entretanto houveram diferenças influenciadas pelos contextos e os recursos financeiros disponíveis.

É importante considerar que a proposta educacional de Francisco Ferrer contribuiu na luta de várias conquistas que temos hoje no campo da educação, como a escola pública laica, a coeducação de meninos e meninas, o aluno como produtor de conhecimento e a relação não autoritária entre professor e aluno.

Além disso, sua proposta ainda abre possibilidades para que pensemos em novos princípios educacionais que podem ser incorporados em nossas escolas, como a educação integral, sem separar corpo e mente; o desenvolvimento dos princípios de solidariedade e

justiça; uma avaliação a favor da aprendizagem dos alunos, sem caráter punitivo e competitivo; e autogestão.

A respeito da construção de novos princípios educacionais, Gallo (1995) em seu livro *Pedagogia do Risco*, vincula tal pedagogia à educação anarquista, fazendo uma contraposição à pedagogia tradicional trabalhada pelo sistema capitalista, que propõe a pedagogia da segurança atrelando o medo ao conflito e ao assumir as responsabilidades.

Vejamos a seguir a ilustração de Claudius Ceccon a respeito do medo do conflito:



O medo do conflito<sup>14</sup>

Nesta tira a anarquia aparece em seu conceito do senso comum de bagunça, desordem; e em função do medo do novo, e crenças na segurança do velho, as ovelhas não ousam se questionar e continuam sendo guiadas pelo lobo.

---

<sup>14</sup>Imagem de autoria de Claudius Ceccon, reproduzida do livro: *Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*, 1986, p. 87.

Esta metáfora pode ser remetida à pedagogia da segurança, na qual sentindo medo das novidades, os indivíduos nunca têm a chance de construir o processo de transformação social.

A pedagogia do risco, por sua vez, se preocupa em criar condições estruturais para que os indivíduos desenvolvam suas singularidades, e defende a construção da liberdade como uma construção coletiva. Tal pedagogia ao escolher o risco escolhe a vida, uma existência autônoma.

Nesta perspectiva a educação anarquista dentro da sociedade capitalista tem a finalidade de formar indivíduos críticos, conscientes e criativos; e a função de criar o novo, dissolvendo as estruturas de reprodução da sociedade e criando focos de resistência e luta.

Foi nesta direção que Francisco Ferrer y Guardia e os organizadores da Escola Moderna de São Paulo (como por exemplo, João Penteado e Adelino de Pinho) atuaram; arriscando, construindo o novo, criando pólos de resistência e dedicando suas vidas, ou parte delas, à fundação, manutenção e luta em prol das Escolas Modernas; que como já foi apontado acima, trouxeram e ainda podem trazer contribuições para a construção de uma educação progressista, visando uma sociedade com mais posturas libertárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

*Boletim da Escola Moderna*. Nº 1. Outubro/1918. p. 01-04.

*Boletim da Escola Moderna*. Nº 2. Março/1919. p. 01-04.

*Boletim da Escola Moderna*. Nº 3 e 4. Maio/1919. p. 01-08.

*Boletín de la Escuela Moderna*. Nº 01 a 08, ano I, 1901/1902. p. 01 – 100.

*Boletín de la Escuela Moderna*. Nº 01 a 09, ano II, 1902/1903. p. 01 – 108.

FERRER Y GUÀRDIA, Francesc. *A Escola Moderna*. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

FREITAS, Luiz Carlos. Organização do trabalho pedagógico: elementos iniciais. In: *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. 3ª ed., 2000. p. 92-114.

GALLO, Silvio. Educação e Liberdade: A Experiência da Escola Moderna de Barcelona. In: *Pro-posições*. Campinas: nº 9, p. 14 – 23, dez. 1992.

\_\_\_\_\_ Ferrer e a pedagogia racional: um balanço, cem anos depois. In: *Educação Libertária*. São Paulo: Imaginário, nº1, p. 37 – 42, 3º quadrimestre de 2006.

\_\_\_\_\_ *Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação*. Campinas: Papirus, 1995.

GALLO, Silvio; MORAES, José Damiro de. Anarquismo e educação – a educação libertária na Primeira República. In.: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (org.). *História e memória da educação no Brasil*, Vol. III - século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. A Escola Moderna em São Paulo. In: GUIRALDELLI Jr., P. *Educação e Movimento Operário*. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1987. p. 131 – 140.

\_\_\_\_\_ *História da Educação*. São Paulo: Cortez, 1991, p.15 - 35.

GOLDMAN, Emma. Francisco Ferrer e a Escola Moderna. In: *Educação Libertária*. São Paulo: Imaginário, n. 1, p. 25 – 36, 3º quadrimestre 2006.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. Educação anarquista na República Velha: algumas ideias e iniciativas pedagógicas. In: *Pro-posições*. Campinas: n° 3, p. 37 – 54, dez. 1990.

\_\_\_\_\_ *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações anarquistas na República Velha*. Campinas: Pontes, 1990.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. Cultura e educação libertária no Brasil no início do séc.XX. In: *Educação e Sociedade*, São Paulo: Cortez/CEDES, n. 12, p. 61 – 79, set. 1982.

\_\_\_\_\_ O movimento anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna nº1 (1912-1919). In: *Educação e Sociedade*, São Paulo: Cortez/CEDES, n. 24, p.18 – 47, ago. 1986.

---

*Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920.* Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Carlos, 1984.

MARTINS, Angela Maria Souza. A educação libertária na primeira República. In: LOMBARDI, J.C, SAVIANI, D. NASCIMENTO, M.I (Orgs). **Navegando pela História a Educação Brasileira.** 1 ed. UNICAMP: Gráfica FE UNICAMP/HISTEDBR, 2006, v. 1, p. 1-769

---

Liberdade, Racionalismo e neomalthusianismo na pedagogia libertária do séc. XIX. In: MARTINS, A. M. S. & BONATO, N. M. C. (orgs.) *Trajetórias históricas da educação.* Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

MONÉS, Jordi; SOLÁ, Pere; LÁZARO, Luis Miguel. *Ferrer Guàrdia y la pedagogía libertaria: elementos para un debate.* Barcelona: Icaria Editorial, 1980.

MORAES, José Damiro de. *A trajetória educacional anarquista na primeira República: das escolas aos centros de cultura social.* Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

---

*Educação Anarquista no Brasil da Primeira República.* Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos\\_frames/artigo\\_052.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_052.html). Acesso em 20/07/2011.

\_\_\_\_\_Pensamento educacional anarquista no Brasil: uma introdução histórica. In: *Educação Libertária*. São Paulo: Imaginário, n. 1, p. 101 – 106, 3º quadrimestre 2006.

RODRIGUES, Edgar. Os anarquistas e a Escola Moderna. In: *Os libertários – Ideias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

ROMANI, Carlo. Da Biblioteca à Escola Moderna. Breve história da ciência e da educação libertária na América do Sul. In: *Educação Libertária*. São Paulo: Imaginário, nº1, p. 87 – 100, 3º quadrimestre de 2006.

TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. In: *Educação e Sociedade*, nº01, Cortez e vitoraes Editores, CEDES, setembro, 1978.

TRASATTI, Filippo. *Actualidad de la pedagogía libertaria*. Madrid: Editorial Popular, 2005.

## ANEXOS

FOTO 1:



Escola Moderna nº 1 - Ensino Racionalista - palavras escritas na placa na parede (1913). O Prof. João Penteadó e seus alunos (p.269) em Flávio V. Luizetto, *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional - 1900/1920*. Tese de doutorado USP. São Carlos, 1984. Reprodução Carlo Romani.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Imagem e informações retiradas do endereço eletrônico:  
[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/iconograficos/educacao\\_anarquista.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/iconograficos/educacao_anarquista.html)  
Acesso em 20/07/2011

FOTO 2:



Adelino de Pinho e uma turma de alunos da Escola Moderna, em São Paulo, 1925. Imagemgrafia oferecida gentilmente por Magda Botelho, sobrinha de Neno Vasco, acervo de família. Reproduzida por Alexandre Samis em “Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil.” (p.165) In.: História do movimento operário revolucionário. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Imagem e informações retiradas do endereço eletrônico:  
[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/iconograficos/educacao\\_anarquista.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/iconograficos/educacao_anarquista.html)  
Acesso em 20/07/2011